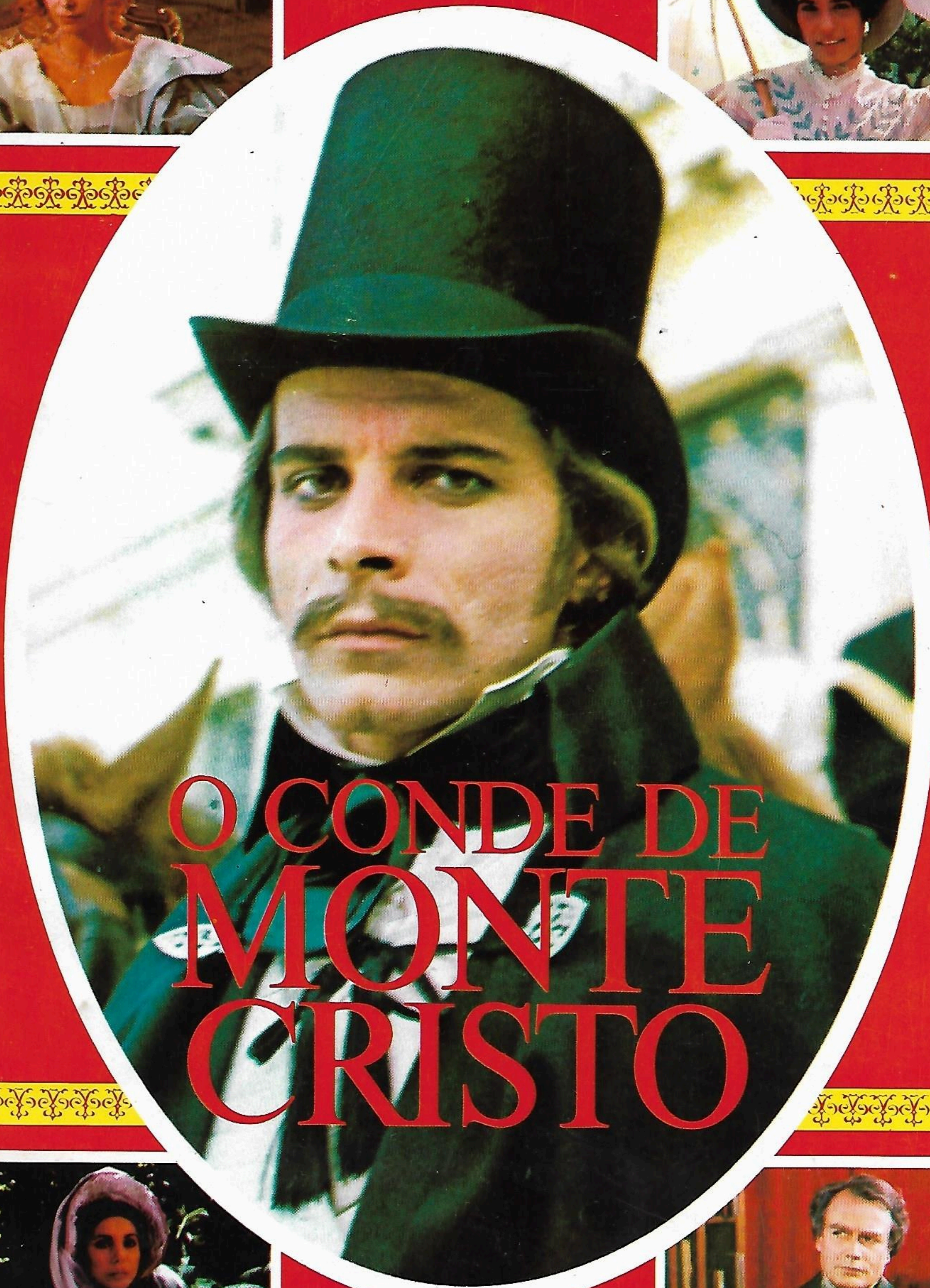
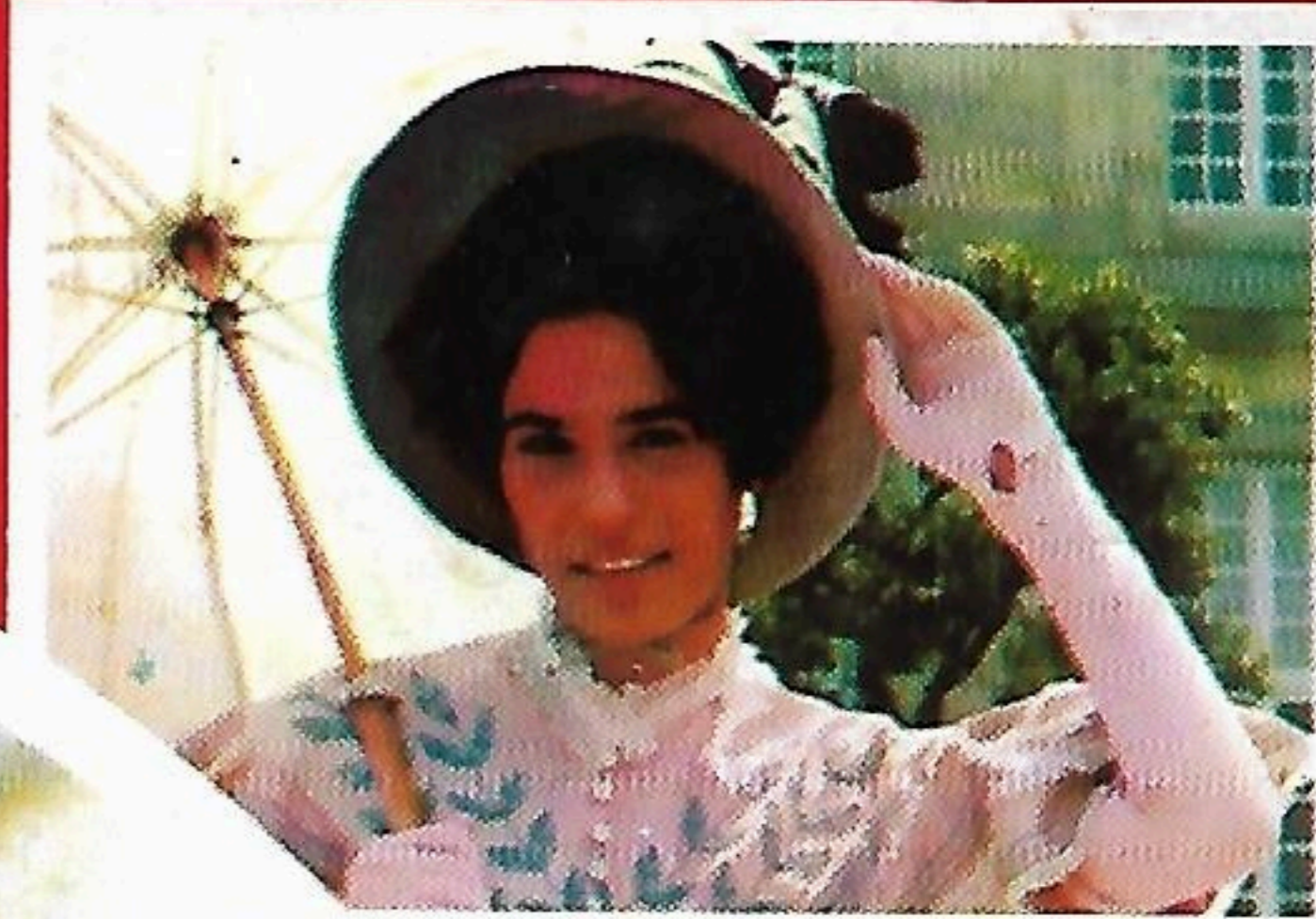
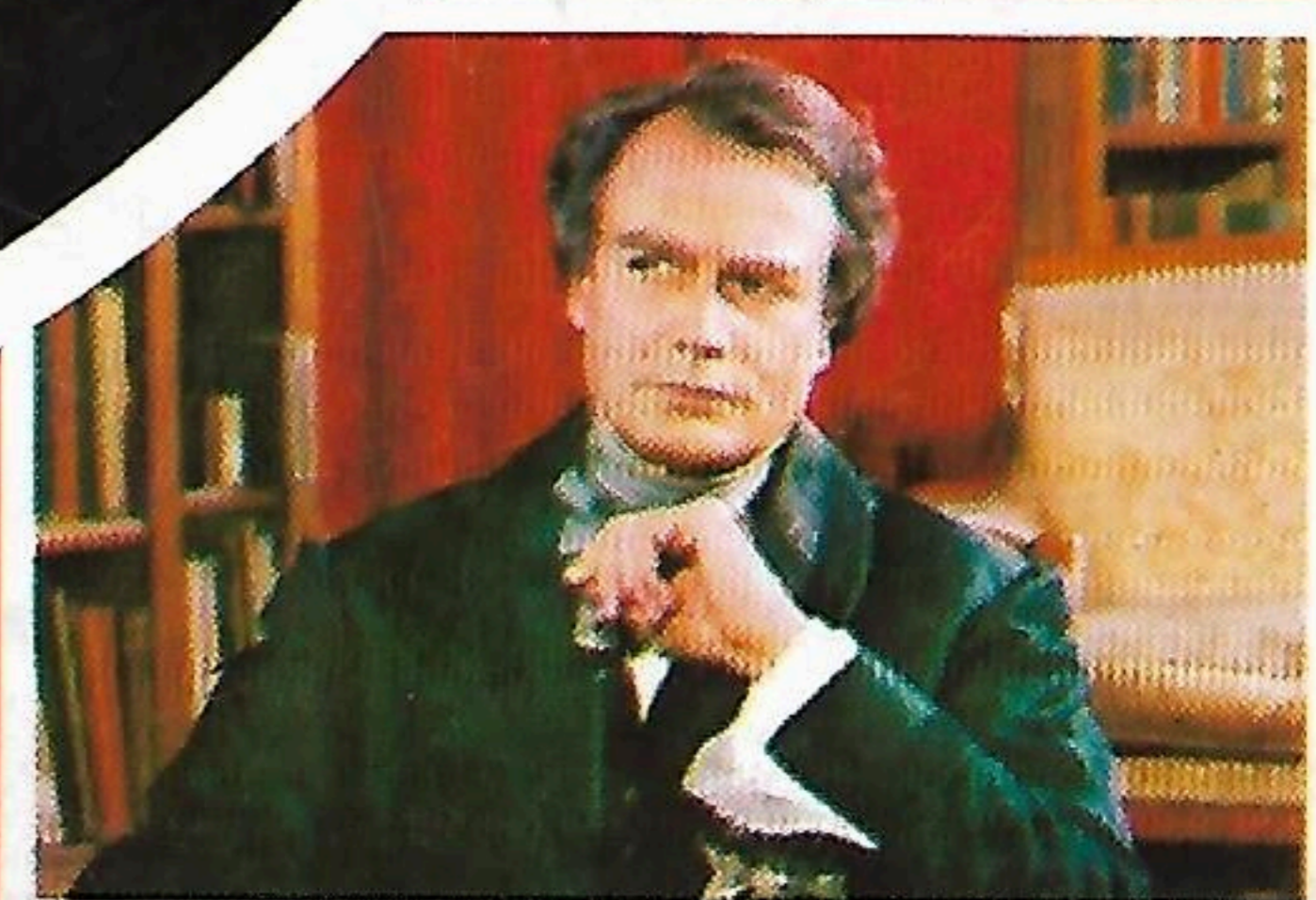


BASEADO NO ROMANCE DE
**ALEXANDRE
DUMAS**



O CONDE DE MONTE CRISTO



COLECÇÃO DE
CROMOS
SÉRIE DA TV



Alexandre Dumas

o autor de

“O Conde de Monte Cristo”

Alexandre Dumas, autor de “O Conde de Monte Cristo” é um dos mais célebres ficcionistas românticos franceses. Nasceu em Villers-Cotterets em 1803 e morreu em Puys, em 1870. Seu pai, um general republicano de ascendência negra, morreu quando ele tinha 3 anos. Descendente pelo lado paterno de um rico colono do Haiti, o marquês Alexandre Davy de la Pailleterie, e de avó negra da mesma ilha de quem herdou o apelido Dumas, muito jovem é atraído pelo teatro.



Em 1823 chega a Paris, vindo de Soissons onde trabalhava num notário. Como bagagem, um carregamento de esperanças. No bolso, 20 francos apenas.

Durante algum tempo trabalha na capital francesa como secretário na casa do futuro rei Luís Filipe e em 1829 é dos primeiros a começar a chamada revolta romântica no teatro com o drama “Henrique III e a Sua Corte”. Daí em diante, produz uma série de dramas que o tornam ainda mais considerado no mundo intelectual e que lhe proporcionam razoável fortuna.

A partir de 1830 dedica-se à nevelística escrevendo o primeiro dos seus romances históricos, “Isabel de Baviera”, a propósito do qual formou na sua fértil imaginação o plano de meter toda a história da França numa espécie de comédia humana em que a fantasia desse vida às memórias do passado. Desta ideia resultou “Crônicas de França”, uma das suas melhores obras.

Escritor dos mais populares do seu tempo, deixou-nos, entre muitas obras de vulto, além de “O Conde de Monte Cristo” (1846); “Os Três Mosqueteiros” (1844); romance que continuou com “Vinte Anos Depois” (1845); “O Visconde de Bragelonne” (1850) e “Colar da Rainha” (1850).

Juntamente com o romance



“Praxide” publicou Alexandre Dumas em 1841, a história de “D. Martim de Freitas”, baseada na vida deste célebre alcaide de Coimbra cuja fidelidade a D. Sancho II foi de tal forma notável que tem sido apontada como exemplo de lealdade absoluta a ponto de interessar o grande e popular escritor francês.

No mesmo ano, pressionado pela falta de dinheiro, Dumas, que de colaboração com August Maquet tinha retirado algumas notas do livro “La Police Dévoilée”, de Jacques Peuchet para escrever “O Conde de Monte Cristo”, decide negociar com os proprietários do “Le Journal des Débats”, a publicação dessa obra em folhetins.

O sucesso do romance ultrapassou as esperanças de Dumas. Traduzido em todas as línguas, compreendendo árabe e japonês, fez a admiração do explorador francês Paul Emile Victor ao encontrar um exemplar de “O Conde de Monte Cristo” escrito em dinamarquês, nas mãos de um esquimó!



O filho de Alexandre Dumas, geralmente conhecido por Dumas Filho foi, também, um dos mais importantes escritores teatrais franceses. Nasceu em Paris em 1824 e morreu na mesma cidade com 71 anos. Um dos seus romances mais famosos é “A Dama das Camélias”, publicado em 1848 e dramatizado por ele próprio em teatro, doze anos depois. Os historiadores referem-se-lhe como contrastando nitidamente do pai na forma e no espírito. “Em lugar da rica mas descomedida fantasia — escrevem — encontramos em Dumas Filho aquela diligente observação e aquele zelo realístico, que fizeram dele um inflexível moralista”. Foi, ainda segundo os críticos, um dos mais vigorosos autores dramáticos do séc. XIX.

“O Conde de Monte Cristo” — do cinema à televisão



Em baixo: a versão francesa de 1961, realização de Claude Autant-Lara, tal como foi anunciada em Portugal.

Em Setembro de 1929, a “revista de propaganda cinematográfica” dirigida por Anselmo Pinto Bastos Vieira, “Cinegrafia”, referia-se à próxima estreia, em Lisboa, do filme “Monte Cristo”, adaptação “do célebre romance de Alexandre Dumas”, realização do francês Henri Tescourt. “Todos conhecem o enredo — escrevia-se numa página ilustrada com três fotografias — mas se alguns leitores de “Cinegrafia” não tiverem ainda lido o empolgante romance, terão dentro em pouco ocasião de ver, num dos nossos primeiros salões, como Edmond Dantès, nável capitão do “Pharaon”, foi vítima de uma infame intriga preparada pelo seu rival no amor pela bela Mercedes...”

Esta versão cinematográfica do romance de Dumas era apenas mais uma das várias empreendidas por produtores de cinema desde 1908. Com efeito, naquele ano, o industrial de tapetes norte-americano, William N. Selig, de repente transformado em produtor de cinema, rodava, num estúdio improvisado da Califórnia que se diz ter sido precursor dos grandes complexos técnicos de Hollywood, o primeiro “Monte Cristo” que o público acooreu a ver e a aplaudir. Na mesma época, em França, o realizador Pourtal, de certo estimulado pelos colegas de Hollywood, adapta o romance do seu compatriota e faz um “Monte Cristo” com o actor Léo Mathot no papel de Edmond Dantès.

Desde essa época até à ver-

são que Denys de la Patelliere dirigiu para a televisão em 1979, contam-se, pelo menos, doze versões rodadas em vários países com a França, claro está, em primeiro lugar. Se é verdade que os temas até agora mais explorados pelo cinema são a “Carmen”, com doze versões e “Joana d’Arc”, com treze, temos assim que “O Conde de Monte Cristo” acaba de ultrapassar o máximo estabelecido por este último.

Quatro anos depois das primeiras versões americana e francesa coube a vez ao actor, também americano, James O’Neill, vestir a pele de Edmond Dantès e em 1921 são ainda os americanos, entusiasmados com a obra de Alexandre Dumas e com os seus heróis que voltam ao tema nu-

ma versão que os cronistas da época consideraram “muito pitoresca”. Foi dirigida por Emmet Flynn e interpretada por um actor famoso, John Gilbert. Como conselheiro técnico, encarregado de detectar os anacronismos que o produtor, pouco interessado em respeitar a realidade histórica, ia deixando passar, trabalhou o francês Robert Florey que mais tarde (1947) viria a colaborar directamente com Chaplin como assistente em “Monsieur Verdoux”.

Em 1929 é a vez da França produzir o “Monte Cristo” a que já nos referimos e que a revista “Cinegrafia” anunciava ir estrear-se em Lisboa, em Setembro — daquele mesmo ano. Nos principais papéis, Jean Angelo (conde de Monte Cristo), o actor alemão Bernard Goetzke (Abade Faria) e Lil Dagover (Mercedes). Cinco anos depois, Hollywood volta à carga, desta vez com o aliciante de se tratar da primeira versão sonora. O filme foi interpretado pelo excelente actor Robert Donat e dirigido por Rowland V. Lee.

França e Estados Unidos alternam-se na produção dos “Monte Cristo”. Em 1942, Robert Vernay contrata o galá

MAIORES
DE 12 ANOS



LOUIS JOURDAN
NA FIGURA GIGANTESCA
E IMORREDOURA DE
**EDMOND DANTÈS
(MONTE CRISTO)**

**COM TODO O REALISMO
DA SUA ENORME GRANDEZA!**

DYALISCOPE
EASTMANCOLOR

**O CONDE DE
MONTE
CRISTO**
(LE COMTE DE MONTE CRISTO)

Realização do mais alto requinte de
CLAUDE AUTANT-LARA

YVONNE FURNEAUX PIERRE MONDI · HENRI GUI SOL · BERNARD DHERAN
nas figuras imortais da obra-prima de ALEXANDRE DUMAS

FILMES CASTELLO LOPES



*Têm o legítimo orgulho
de apresentar*

*a mais famosa super-
produção francesa do
ano!*



Os personagens "Valentine" e "Maximilien" de "O Conde de Monte Cristo", versão de 1929.

Pierre-Richard Wilm para mais um "remake" que conheceu grande êxito e no qual intervieram também Michele Alfa, Lise Delamare e Aimé Clariond. E dez anos depois é ainda o mesmo realizador que regressa à obra de Dumas para dirigir um filme que desta vez terá a colaboração de produtores italianos e um elenco de "estrelas": Jean Marais, Lia Amanda, Folco Lulli e Noel Roquevert, de entre outros. Dada a sua extensão, este filme apresentava-se em dois episódios: "O Tesouro de Monte Cristo" e "A Vingança de Monte Cristo". Mas entre o primeiro e o segundo filme de Vernay, há ainda um outro, também francês, intitulado "O Segredo de Monte Cristo", que o actor Pierre Brasseur interpretou em 1948.

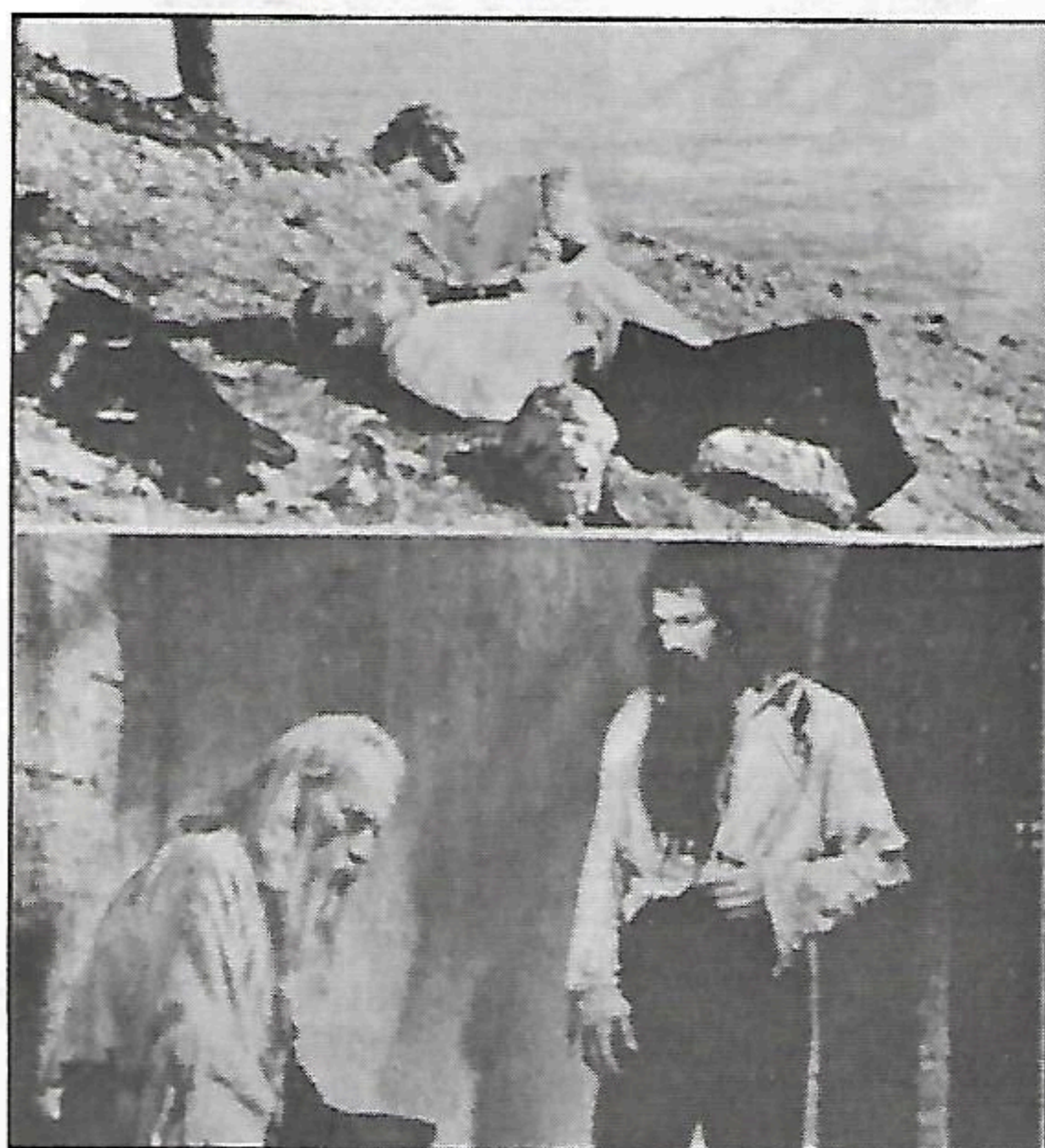
Depois, em 1961, com o romance de Alexandre Dumas praticamente "desprezado" pelos cineastas durante sete anos, Claude-Autant Lara, um director francês de nomeada, realiza uma nova versão ("um filme prodigioso de inextinguível grandiosidade!" — como era reclamado no anúncio do cinema Condes, em Lisboa, em Março de 1962). Louis Jourdan, um actor francês considerado, nessa altura, "o maior sedutor de Hollywood" pelo facto de ter trabalhado nos estúdios americanos, foi o protagonista secundado por Yvone Furneaux (Mercedes), Henri Guisol (Abade Faria),

Pierre Mondy (Caderousse), Bernard Dhéran (Villefort) e Jean Michel (Morcerf).

Embora desviando-se do romance, mas mesmo assim inspirado na figura de Edmond Dantès, há ainda um filme de 1940 interpretado pelo actor sul-africano Louis Hayward.

Antes da adaptação que Jean Chatenet escreveu para Denys de la Patellière e que deu origem à série que a RTP co-produziu com empresas produtoras da França, Itália, Bélgica, Alemanha e Suíça, há, pelo menos, duas outras versões, uma produzida em Espanha e já transmitida na TVE e outra feita nos Estados Unidos em 1976, especialmente para a televisão, com o actor Richard Chamberlain (o intérprete de "Dr. Kildare" nos anos 60, lembram-se?) no papel de Edmond Dantès. Não referimos, evidentemente todas e algumas versões haverá que não constam dos anais cinematográficos.

Mas ficam os leitores com uma ideia de como um grande romance pode interessar tantos cineastas em épocas diferentes. Dir-se-ia que Alexandre Dumas, que escreveu "O Conde de Monte Cristo" mais de quarenta anos antes do advento do cinema pelos seus compatriotas irmãos Lumière, adivinhava já o futuro — e escrevia em jeito de argumento cinematográfico uma das suas obras mais famosas.

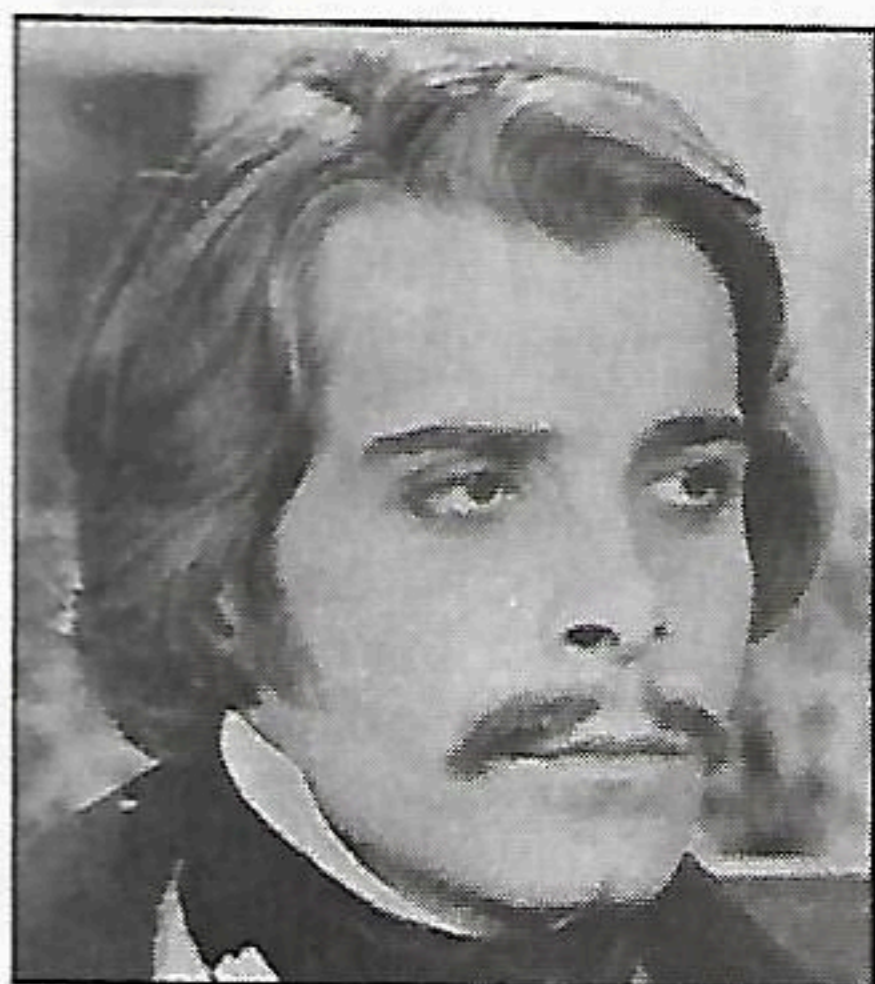


Cenas da produção italo-francesa de 1952 com Jean Marais no protagonista.

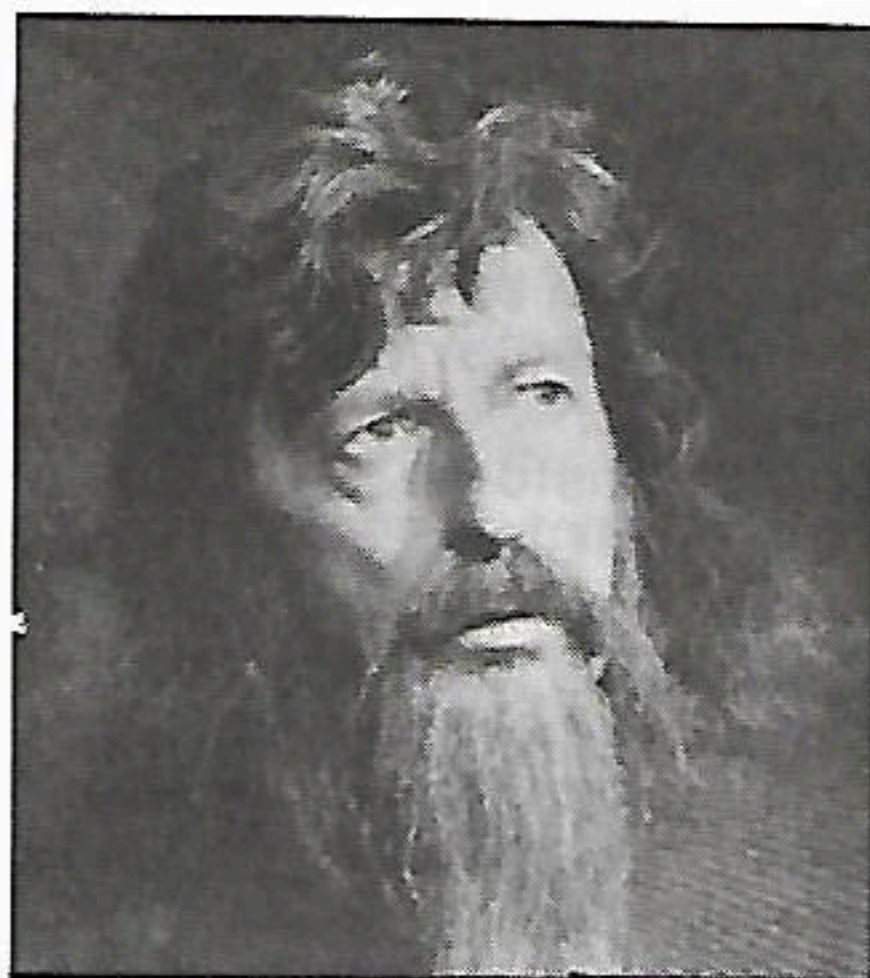


Jacques Weber e Henri Virlojeux (Conde e Abade Faria) na versão de 1979 que Denys de la Patellière realizou para a TV.

Personagens, intérpretes e técnicos da série de televisão



Jacques Weber
Conde de Monte Cristo



Henri Virlojeux
Abade Faria



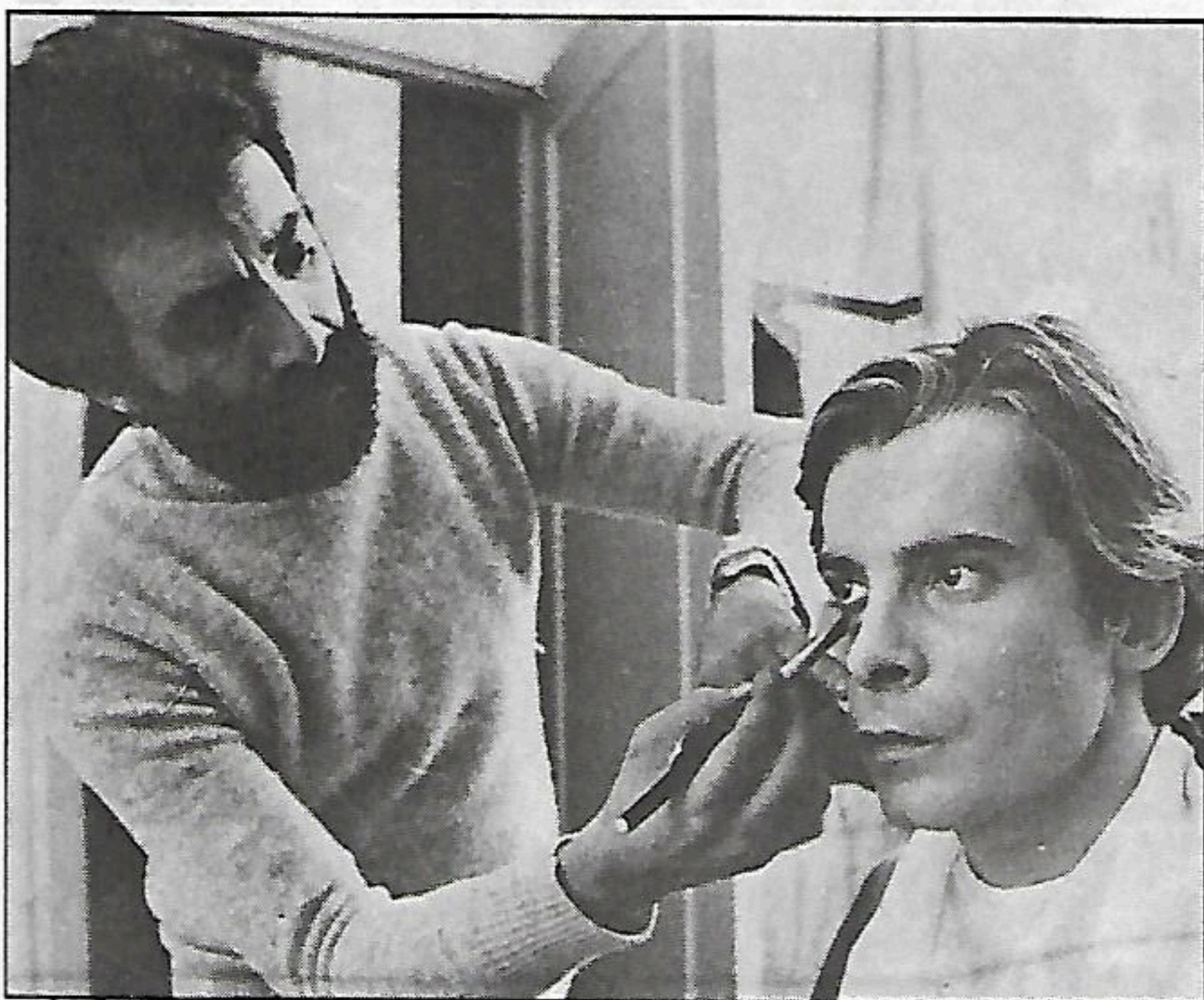
Carla Romanelli
Mercedes



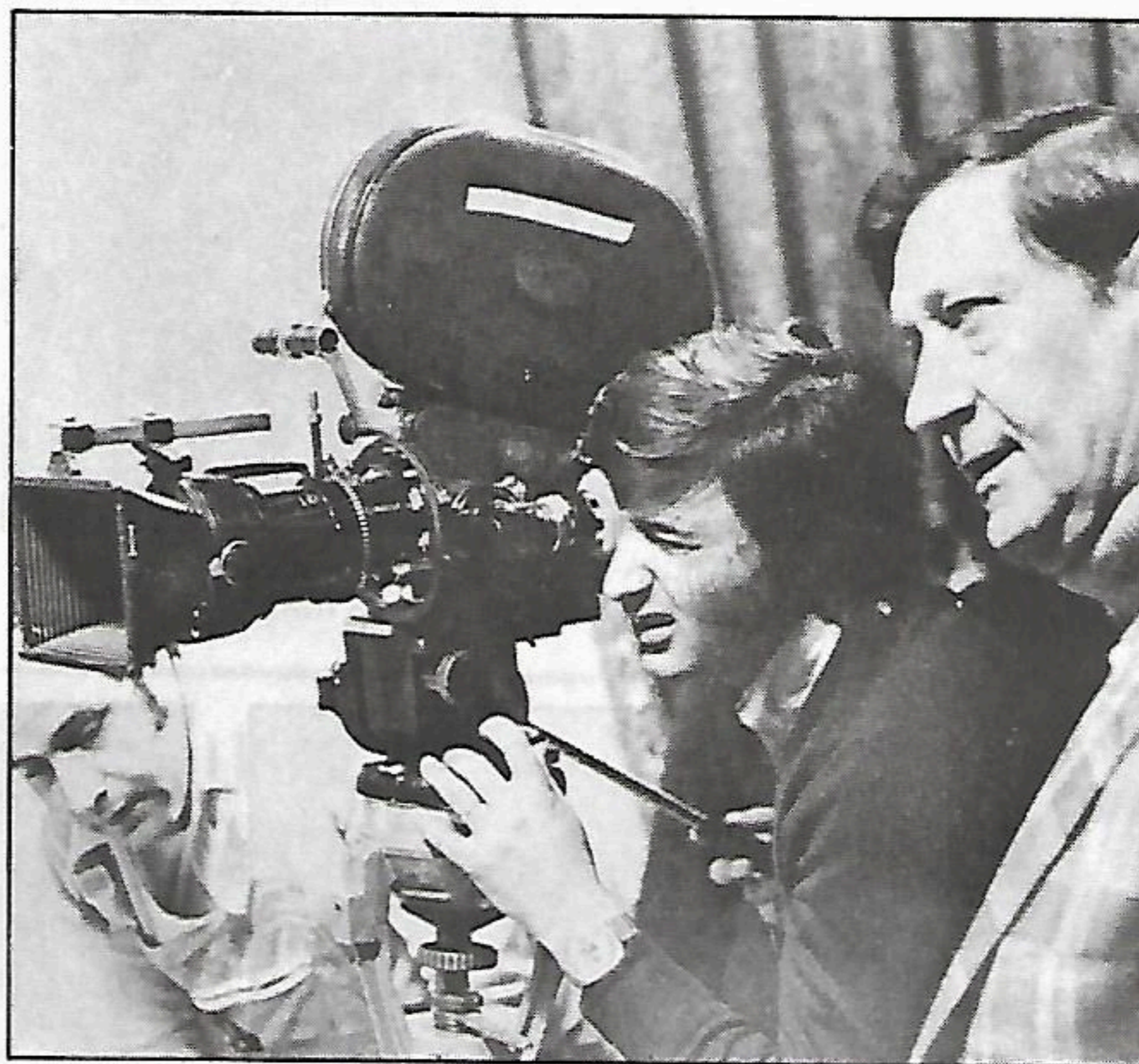
Carlos Carvalho
Franz d'Epinay

os artistas

Jacques Weber, Conde de Monte Cristo. **Carla Romanelli**, Mercedes. **Manuel Tejada**, Fernand Morcerf. **Jean-François Poron**, Villefort. **Roger Dumas**, Danglars. **Henri Virlojeux**, Abade Faria. **Marie Matile**, Valentine. **Jean Vinci**, Debray. **Christine Kaufman**, Senhora Danglars. **Christine Kruger**, Senhora Villefort. **Patrick Laplace**, Albert de Morcerf. **Sigfrid Steiner**, Noirtier. **Carlos Carvalho**, Franz d'Epinay. **Hervé Hiole**, Beauchamp. **Gerhard Acktun**, Benedetto. **Wolf Ackva**, Boville. **Virginie Vidal**, Haydée. **Paulo Renato**, Morrel. **Diogo Dória**, Maximilien. **Luís Santos**, Pai Dantés. **Sérgio Godinho**, Peppino. **Vitorino**, Luigi Vampa. **Artur Semedo**, Cavalcanti. E ainda a participação, entre outros, de mais os seguintes artistas portugueses: **Baptista Fernandes**, **Luís Cerqueira**, **Morais e Castro**, **Leonor Pinhão**, **Sinde Felipe**, **Alexandre Melo**, **Manuel Cavaco**, **Carlos César**, **Fernando Curado Ribeiro**, **Vicente Galfo**.



O caracterizador português **Luís de Matos** dá os últimos retoques no rosto do "Conde de Monte Cristo" (**Jacques Weber**) durante os trabalhos de filmagens em Lisboa.



O realizador francês **Denys de la Patellière** (à direita) durante as filmagens em Lisboa na Primavera de 1979.

os técnicos

Produção, Claude V. Coen, 1979. **Realização**, Denys de la Patellière. **Adaptação para a TV**, Jean Chatenet. **Diálogos**, Andre Castellet. **Cenografia**, Pierre Cadiou. **Guarda-roupa**, Huguette Chasseloup. **Música**, Nino Rota e Carlo Savina. **Direcção de Produção**, George Marachalk e Manuel Costa e Silva. **Fotografia**, António Escudeiro e Emilio Rodrigues Pinto (operador). **Maquilhagem**, Luís de Matos. **Cabeleireiro**, Annie Arguedas. **Som**, Jackes Girardot e Carlos A. Pinto.

Co-produção R.T.B.F., Bruxelas; S.S.R., Geneve; R.T.P., Lisboa; Films Juan Estelrich, Madrid; Bavaria-Atelier, Munique; FR 3 Europa Films, Paris; Edizione Farnese, Roma.



Marselha 1815. Eis que já se avista o navio "Faraó". Que surpresas e mistérios trará desta vez o grande barco que os habitantes da cidade esperam tão ansiosamente? Pelo menos Morrel, o dono da embarcação, virá a saber todos os pormenores da viagem. Não admira, portanto, que este se apresse a subir a bordo e procure Danglars, o tesoureiro. Mas as notícias não são boas. O capitão morrerá, o navio desviara-se da sua rota para aportar na ilha de Elba e, para aumentar a desgraça, ainda havia uma carta misteriosa que o imediato Dantés deveria entregar na cidade. Morrel está preocupado: o jovem podia vir a ser acusado como conspirador bonapartista. Que fazer em semelhante situação?



Apesar de tudo o que se passara com o "Faraó", Morrel decide nomear Edmond Dantés para ocupar o cargo de capitão do navio. A novidade deixa o jovem muito feliz, pois dessa forma podia, finalmente, ajudar o seu velho pai e desposar a bela Mercedes. Mas nem tudo corre da melhor maneira. Quando Edmond chega a casa da noiva verifica que esta se encontra em companhia de outro ho-

mem. Tratava-se de Fernand, primo da rapariga, que não o recebe com simpatia. Entretanto, Caderousse, o vizinho do pai de Dantés, está na taberna com Danglars. Bebem e discutem. Mercedes e Edmond, que vêm anunciar a festa de casamento, são recebidos com frieza. E Caderousse, embriagado, insulta os presentes.





Em casa da senhora de Saint-Meran é noite de festa. A filha, Renée, está noiva de Villefort, um jovem magistrado bastante promissor. O ambiente é de alegria mas as pessoas mantêm uma certa reserva dada a sua elevada condição social. Daí que seja grande o contraste entre o que se passa em casa da senhora de Saint-Meran e a descontraída animação que envolve todos os presentes na taberna de Pamphile. Comemora-se o noivado

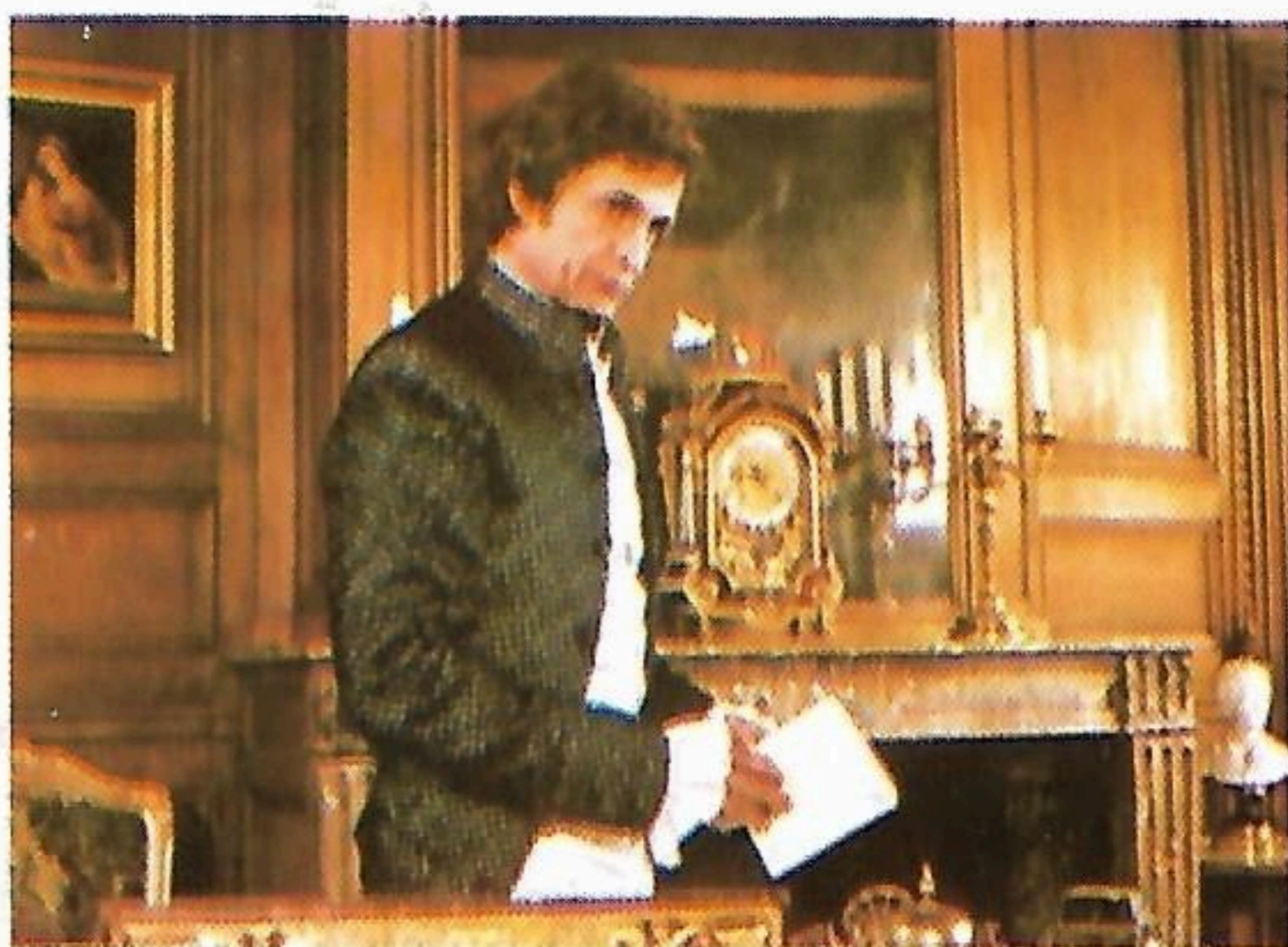
de Edmond Dantés com a linda catalã Mercedes e os marinheiros do "Faraó" dão largas à sua alegria e cantam e bebem saudando-se mutuamente e fazendo com que Edmond e Mercedes participem da euforia. Mas a festa não iria prolongar-se por muito tempo. E não só na taberna de Pamphile — também em casa da senhora de Saint-Meran a comemoração vai ser bruscamente interrompida, como se verá a seguir...



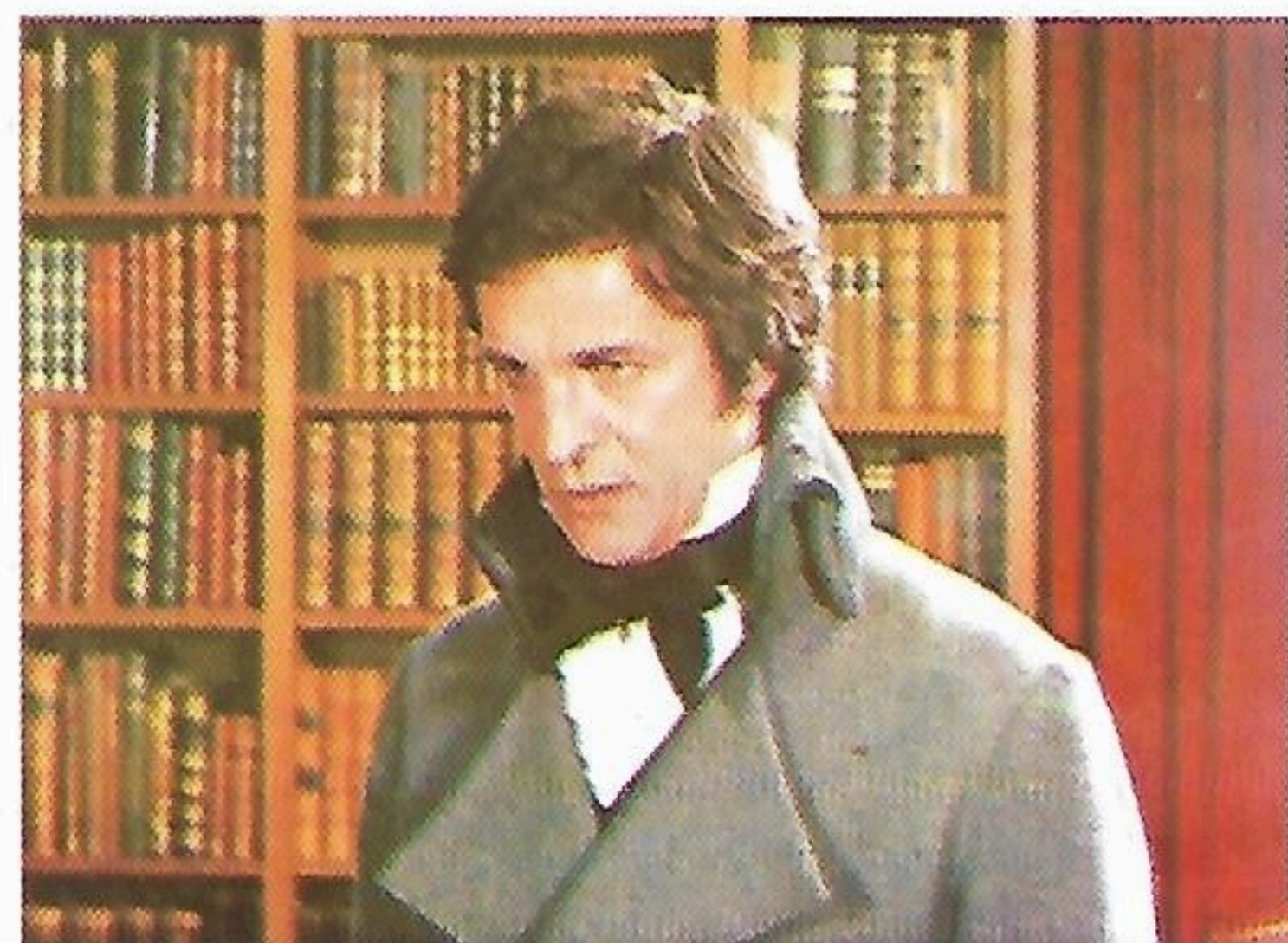
...Sim, algo de estranho e misterioso iria unir os convivas das duas comemorações. Em determinada altura da noite Villefort tem de partir para casa do procurador do rei porque alguém denunciara um princípio de conspiração. Enquanto isto, Dantés é preso, dei-



xando Mercedes chorosa e Morrel bastante preocupado. Mais tarde tudo se relacionaria: interrogando Dantés, Villefort tentava saber os pormenores de uma carta vinda da ilha de Elba. Seria Edmond um perigoso conspirador?...



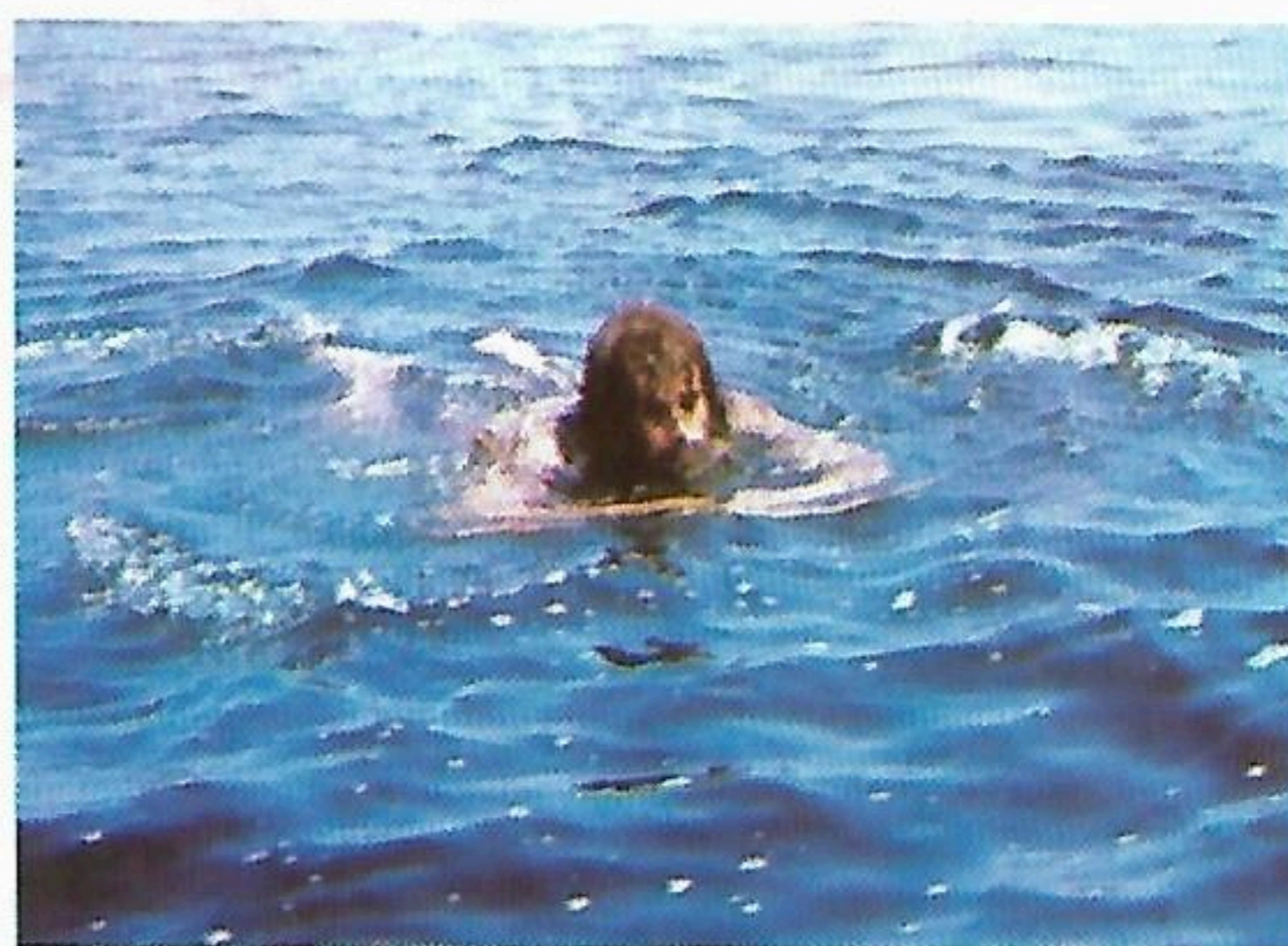
Villefort simpatiza com Dantés, mas não deixa de ficar preocupado quando este lhe conta que a carta estava endereçada a um tal Noirtier. A partir daí tudo se modifica, o magistrado parecendo encobrir alguém das suas relações, decide queimar a carta e o pobre Edmond acabará por ser conduzido ao terrível castelo de If.



Apesar de Morrel e Mercedes terem pedido a Villefort que Dantés fosse libertado, este decide visitar o rei para o pôr ao corrente de toda a situação. Entretanto, Caderousse, Danglars e Fernand dão a entender que sabem o que se passou com Edmond. O mistério aumenta. Inclusive, admite-se que Napoleão regresse...



Quando Villefort chega a Paris é o próprio rei Luis XVIII quem lhe dá a notícia do regresso do ex-imperador... E agora, que se passa com Edmond Dantés?



Edmond Dantés consegue fugir, a nado, do castelo de If fazendo-se passar pelo Abade Faria, um outro prisioneiro seu amigo que entretanto morrera...



Enquanto nadava e já sem forças, Dantés avista, finalmente, uma embarcação. Passados alguns minutos os tripulantes do navio prontificavam-se a auxiliá-lo, dando-lhe de beber para que se reanimasse. Edmond, fatigado, explica a sua situação omitindo a fuga do castelo de If. Mais tarde viria a saber que os seus salvadores não passavam de contrabandistas. Dantés tinha que aproveitar para os levar até à ilha de Monte Cristo onde se encontrava o tesouro do Abade Faria. As coisas tinham de ser bem feitas; ninguém podia desconfiar das suas intenções!





O capitão do navio não acreditava naquele homem tão miserável que mais parecia um forçado. Mas Dantés sabia conduzir a conversa. E nem sequer foi preciso muito tempo para que todos o aceitassem como amigo e companheiro. A partir daquele momento ele era mais um dos marinheiros do navio. E, agora, como chegar à ilha? Com a primeira etapa da aventura a seu favor, o importante era não esquecer as indicações do Abade Faria...



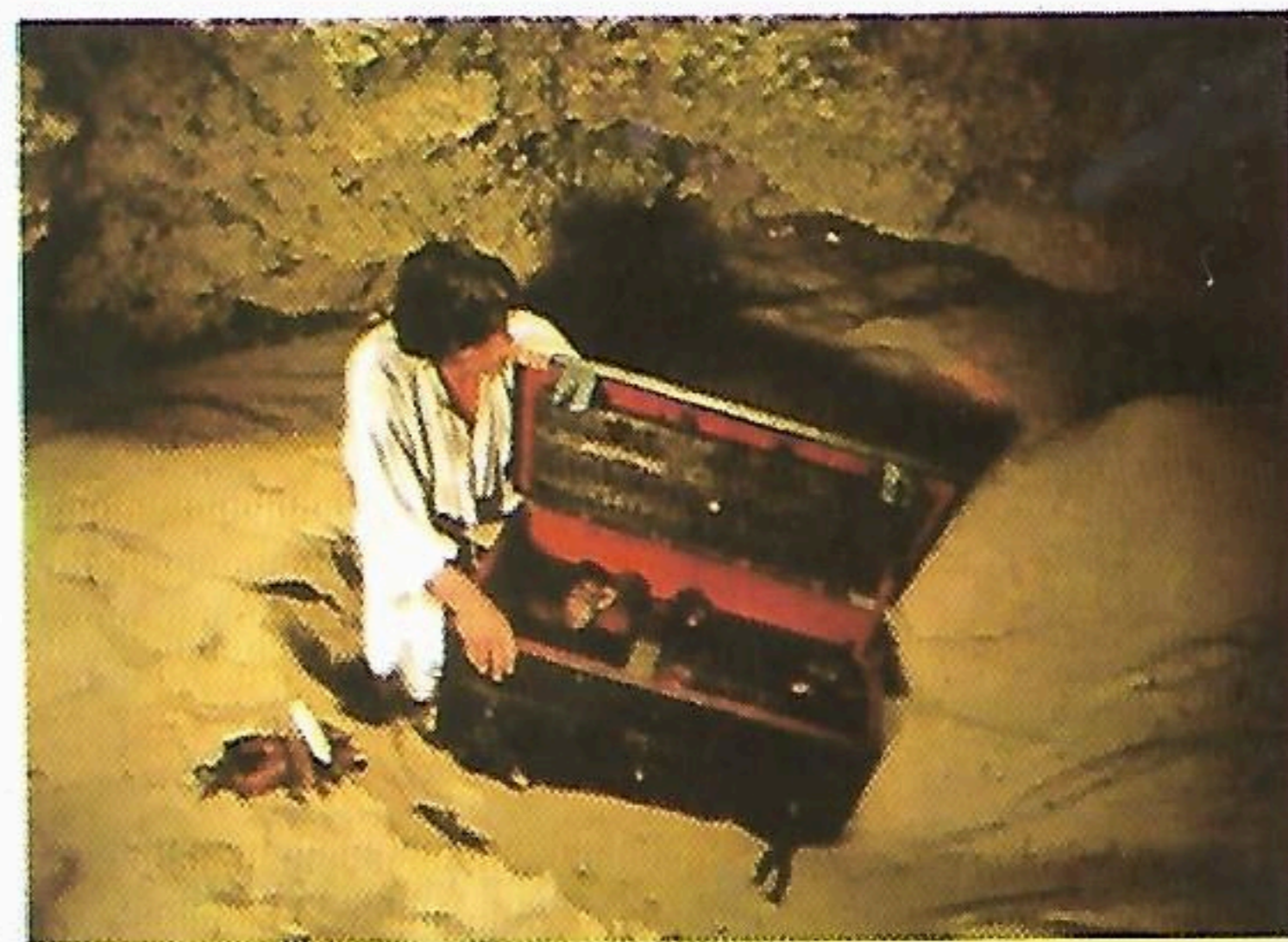
Naquele dia o céu apresentava-se limpo e de um azul intenso. Era Dantés quem conduzia o barco. De súbito, a sua expressão tornou-se mais viva: ao longe, acabava de surgir a ilha do Monte Cristo — a bela e desejada ilha que escondia o fabuloso tesouro do bispo italiano tantas vezes referido, na prisão, pelo Abade Faria...



Mal o navio aportou à ilha de Monte Cristo, Dantés não hesita em ludibriar os marinheiros para poder trabalhar à sua vontade. Segundo o esquema que o Abade Faria havia confiado, o tesouro devia encontrar-se próximo... E agora, que estava só, ele não tinha dificuldade em localizar a gruta...



Já dentro da gruta, Edmond inicia as escavações. Eis senão quando por sob a areia aparece a tampa do cofre. Um sorriso ilumina-lhe a face... O tesouro estava ali ao alcance da sua mão. Alguns momentos depois e já o cofre estava aberto. E, depois, é o espanto: Moe-



das de ouro. Jóias. Tanta riqueza. Agora, sim, poderia vingar os anos de miséria e a morte do seu grande amigo Abade Faria a quem deve tudo aquilo. Dantés era, finalmente, um homem rico e poderoso. Faltava só descobrir os seus "amigos" de Marselha...



Uma figura misteriosa acaba de aparecer na estalagem de Caderousse. Tratava-se do padre Busoni que pretendia saber do paradeiro de todos os antigos companheiros de Dantés...



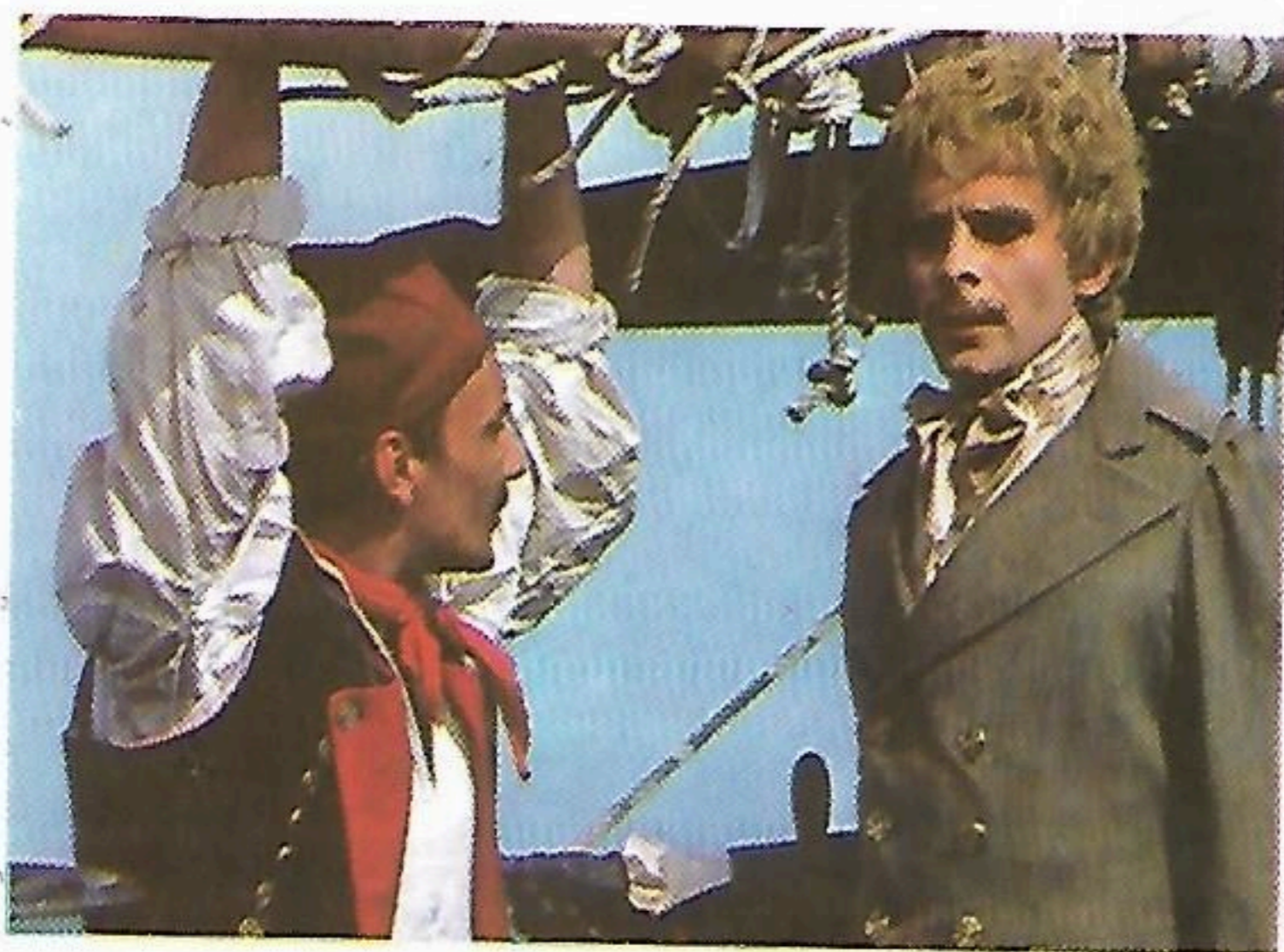
Caderousse, atrapalhado, vai recordando o que sabe. Danglars tinha subido na vida, Fernand casara com Mercedes e era conde. De resto tinha sido ele o denunciador de Edmond...



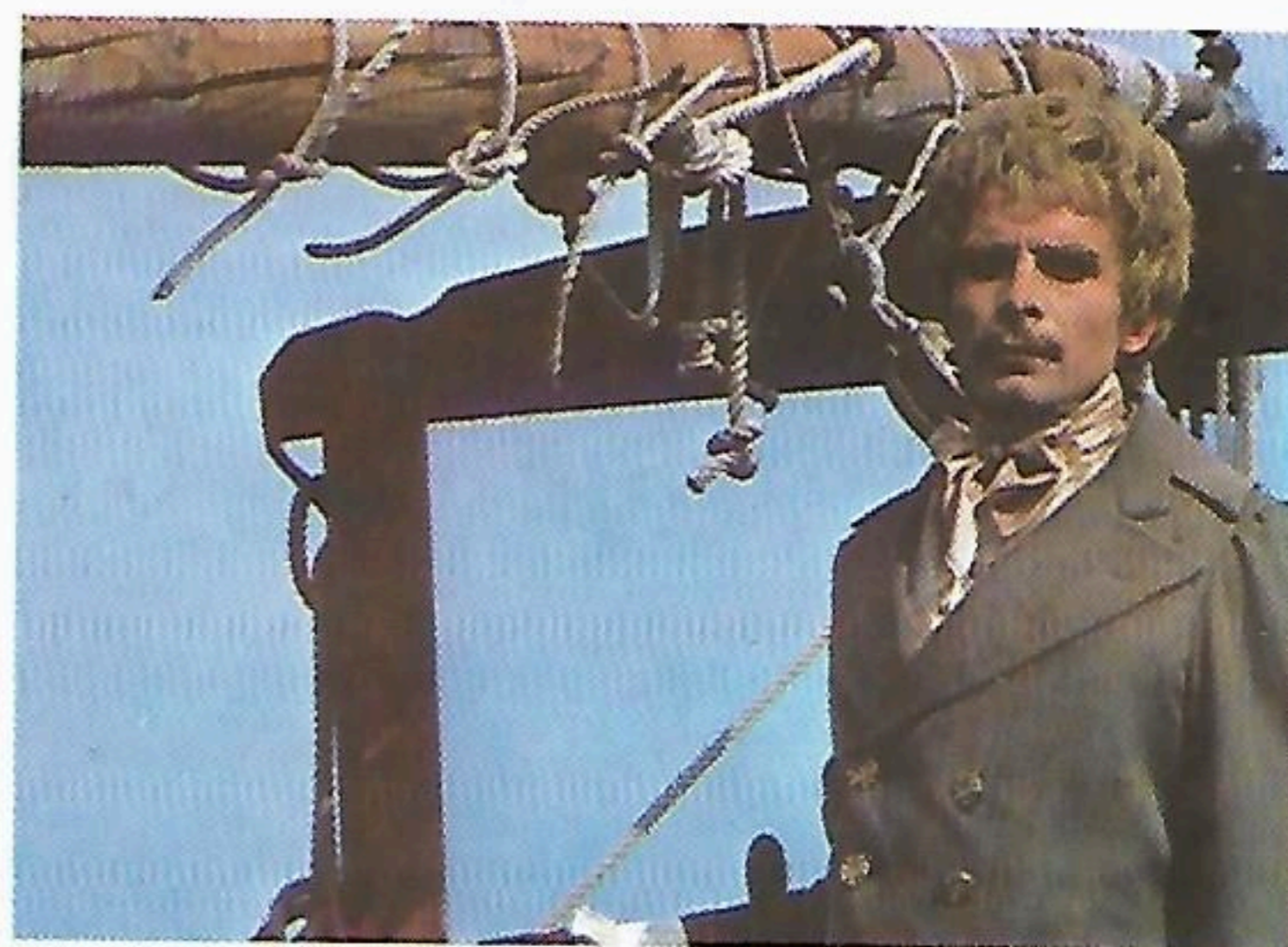
Mas ainda havia mais. No próprio dia da prisão de Edmond, Danglars tinha ensaiado uma carta de denúncia em que relatava a história toda de Elba. Ele, Caderousse, estava bêbado e por essa razão



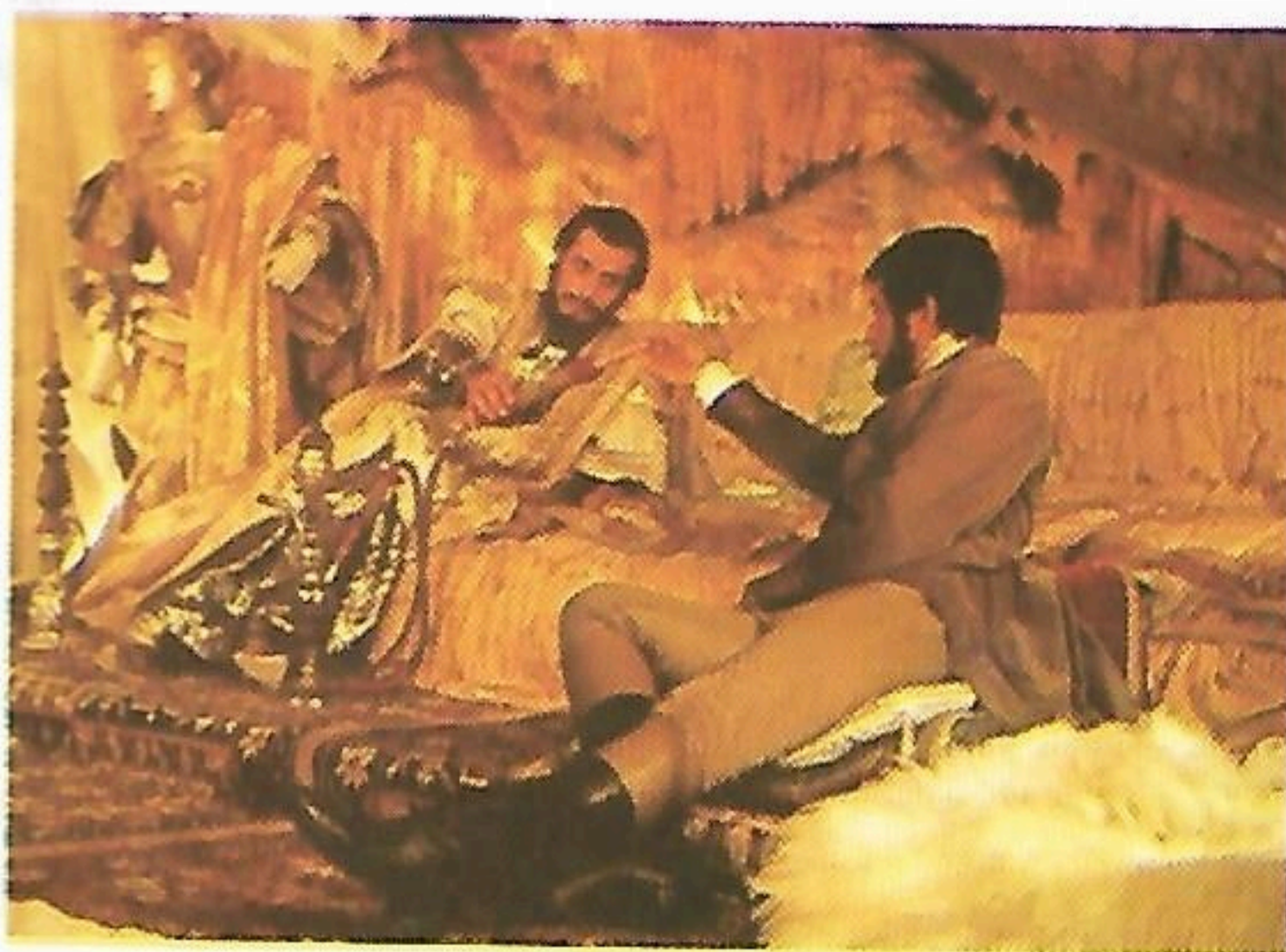
não tinha podido evitar que Fernand apanhasse a carta e a fosse entregar ao procurador do rei. Busoni, muito satisfeito, retira-se oferecendo-lhe um valioso diamante em troca das informações.



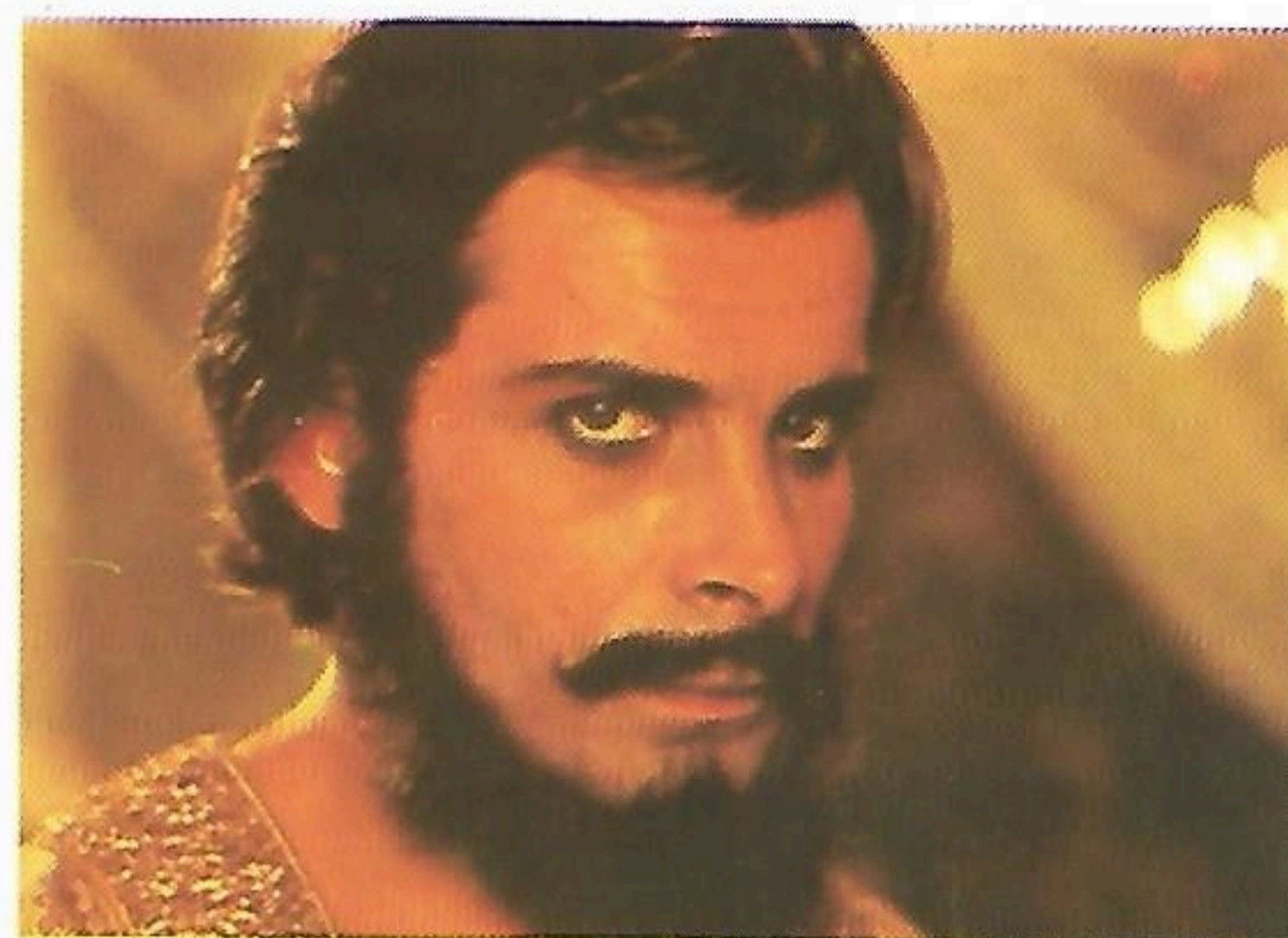
Ào largo de Marselha o luxuoso navio de Dantés balouça docemente nas águas tranquilas. Este, muito bem vestido, parece triste e magoado... Depois que salvou da miséria o seu antigo patrão, o



armador Morrel, o tempo da bondade acabara. Para ele só existia uma ideia fixa: a ideia da vingança!



A célebre ilha de Monte Cristo atrai muitos aventureiros que pretendem conhecer o conde que ali habita. Para Franz d'Epinay, por exemplo, a gruta onde o tal conde vive mais parece um sonho...



Quem será este misterioso conde de Monte Cristo cujos olhos penetrantes adivinham os pensamentos? Franz pagou um pouco caro a sua ousadia. O conde nunca tinha gostado daquela espécie de homens!

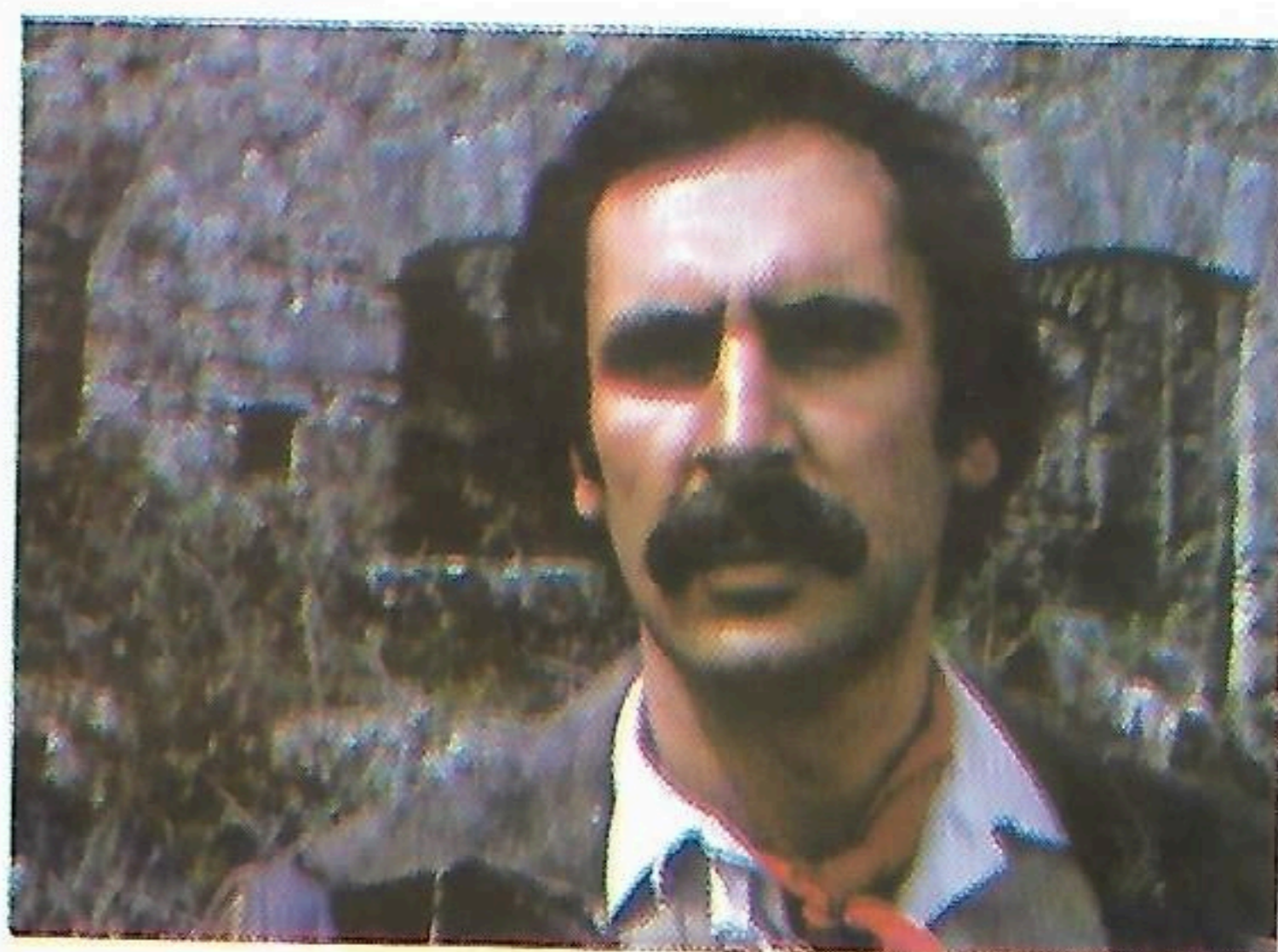


Todos os caminhos vão dar a Roma e para Franz d'Epinay nada melhor do que o carnaval romano para apagar da sua memória a conturbada visita à ilha de Monte Cristo. As ruas estão animadas, o povo canta e baila, os forasteiros divertem-se. Num dos melhores

hotéis da cidade, Albert de Morcerf espera, com ansiedade, o seu amigo Franz. Mal este chega, ambos tratam de combinar a melhor forma de assistir aos festejos. Mas parece que o terrível bandido Luigi Vampa anda a espalhar o terror por aquelas bandas...



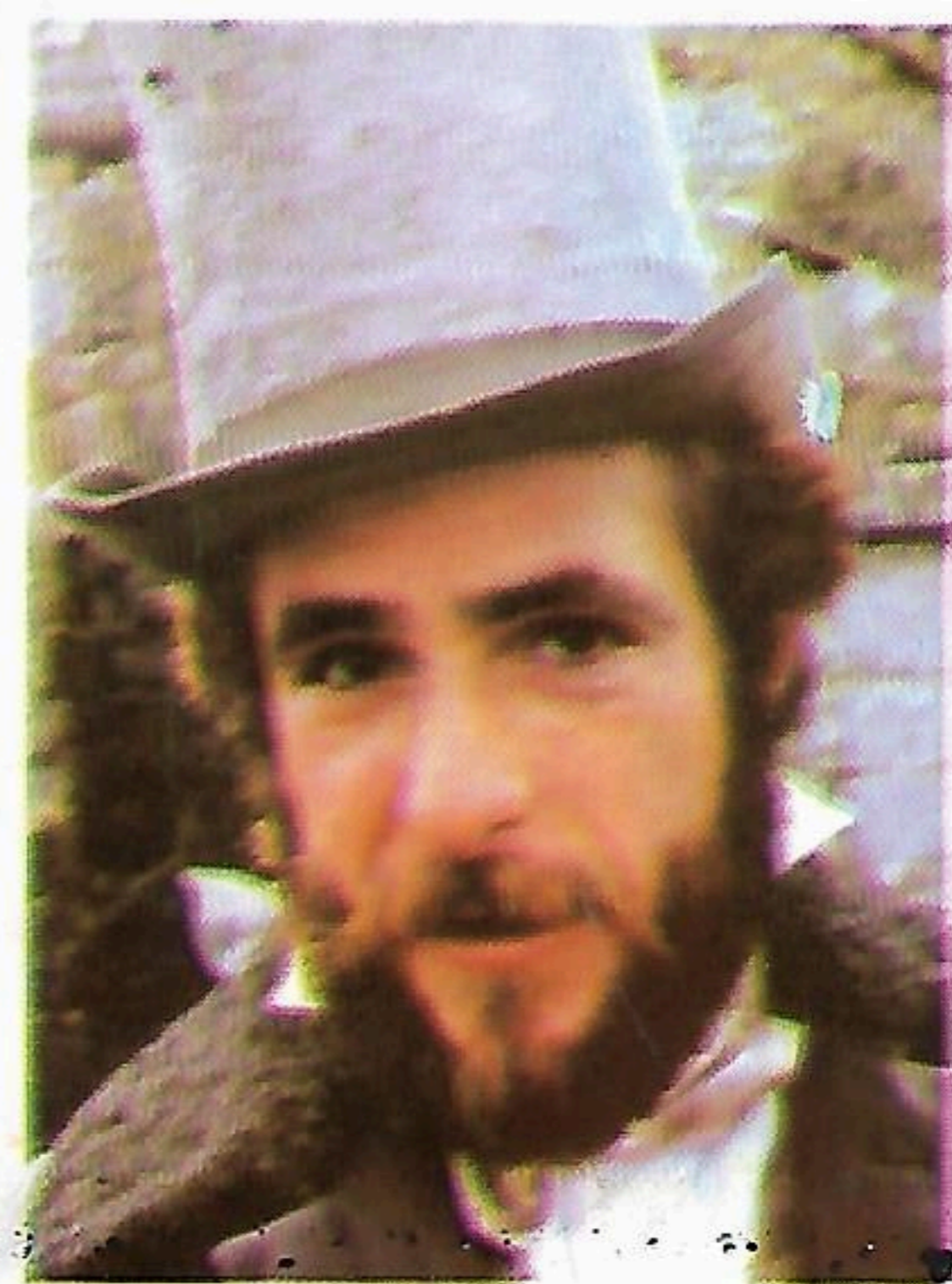
Apesar de todos os avisos, Albert e Franz decidem participar nos festejos. Para eles a beleza das romanas ultrapassa o perigo de poderem ser raptados por Vampa. É então que Franz tem a desagradável surpresa de encontrar o conde de Monte Cristo no mesmo hotel em que se havia instalado.

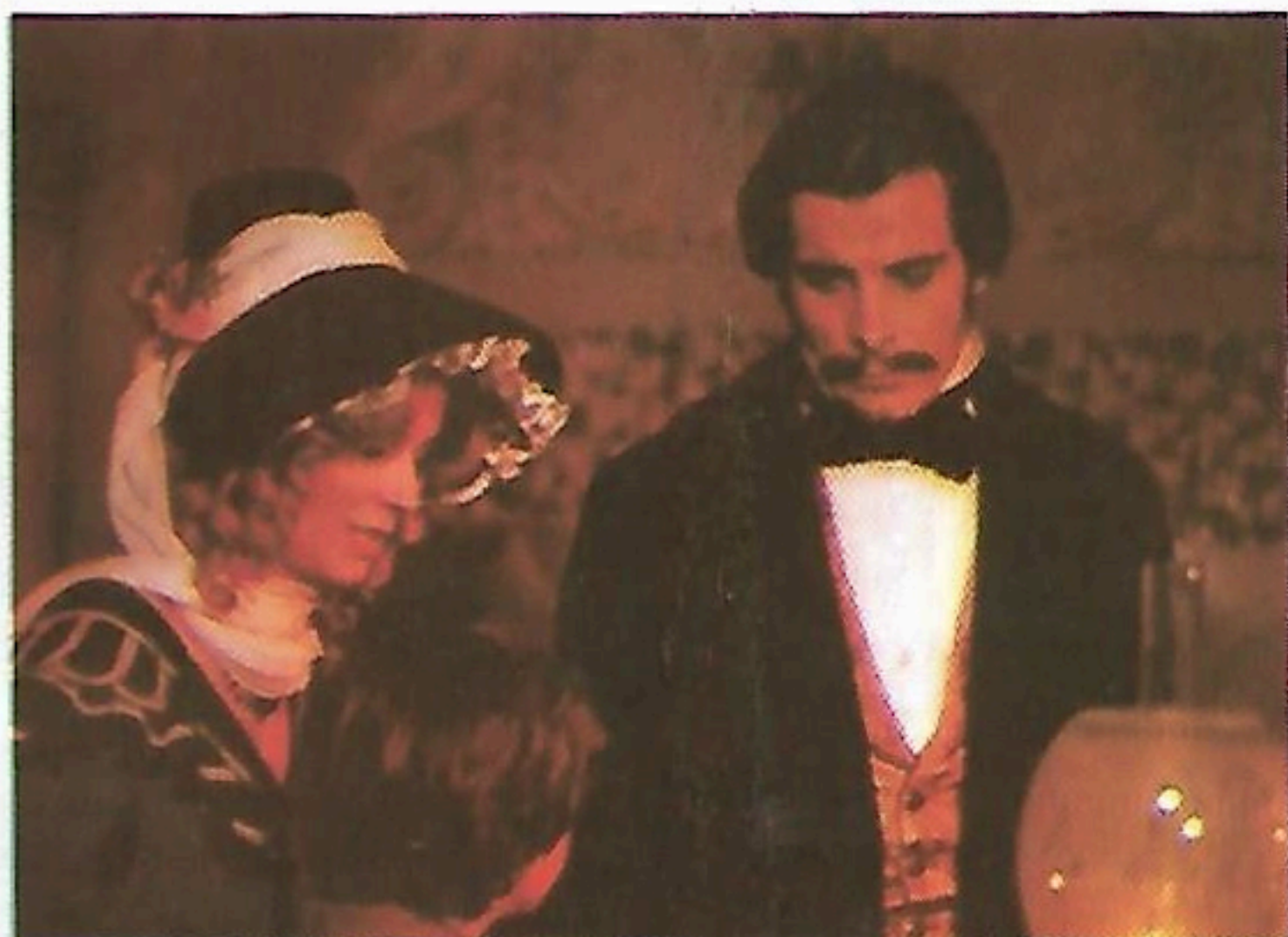


Atento, Luigi Vampa conta com a imprudência dos dois amigos. Ele não tem dificuldade em raptar Albert de Morcerf ao mesmo tempo que exige de Franz o pagamento de elevado resgate. Mas Monte Cristo, que até essa altura se mantivera afastado, prontifica-se a resolver o problema...



A figura do conde de Monte Cristo parecia impor um certo respeito ao bando de Vampa. E a prova é que após a sua chegada ao sinistro covil dos malfeitores, Luigi Vampa, o chefe, excede-se em amabilidades, recebendo-o com a deferência que geralmente se usa nos grandes momentos e em atenção às grandes figuras. Não admira, portanto que Albert de Morcerf tenha sido imediatamente posto em liberdade. E é claro que Franz acabaria por aceitar, aliás orgulhosamente, a amizade deste respeitável senhor, que é o conde de Monte Cristo. Mas Albert sente que lhe deve agradecer a libertação de uma forma mais cavalheiresca e é assim que, instantes depois, resolve convidar o seu salvador para visitar Paris, que aliás não era dos conhecimentos do conde de Monte Cristo...





Uma vez em Paris, Monte Cristo não tem dificuldade em se aproximar da alta sociedade. De uma das vezes, a sua natural perspicácia levou-o a salvar de morte certa Heloise de Villefort e seu filho.



Heloise não poderá esquecer o desastre que lhe podia ter sido fatal. A sua gratidão para com o conde não tem limites. E agora que o filho já reanimara seguiria para casa mais descansada...



Depois do sucedido com sua mulher, Villefort apressa-se a retribuir o auxílio prestado pelo conde. Mas o procurador do rei não consegue estabelecer boas relações com Monte Cristo que o recebe fria-



mente. Uma vez em sua casa, Villefort encontra sua filha junto do avô e verifica que também ali o ambiente não é o melhor.



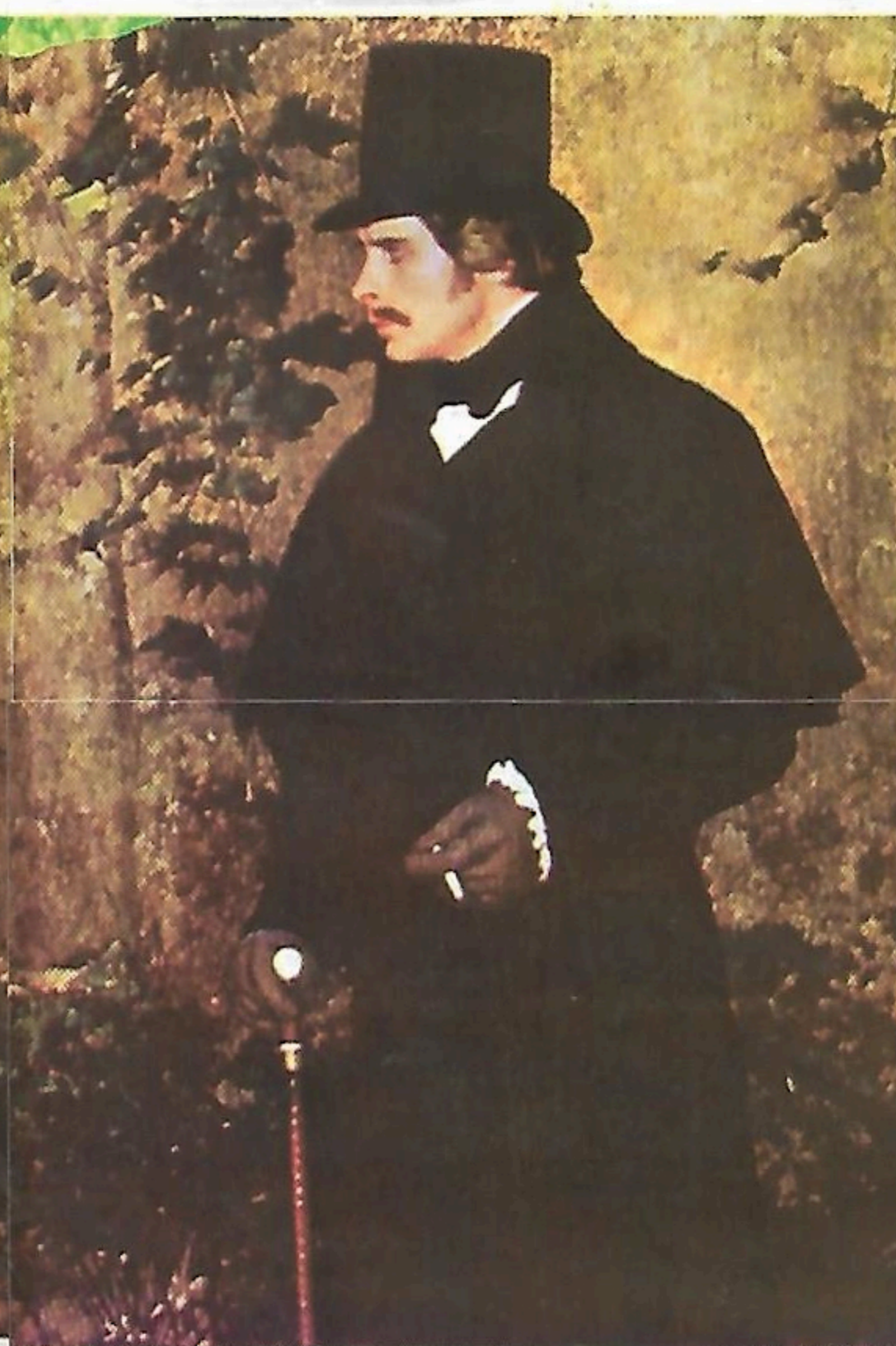
Noirtier, pai de Villefort, está preocupado com Valentine. E a rapariga, embora reconheça a dificuldade em contrariar a vontade do pai acaba de lhe confirmar que não está disposta a casar com Franz



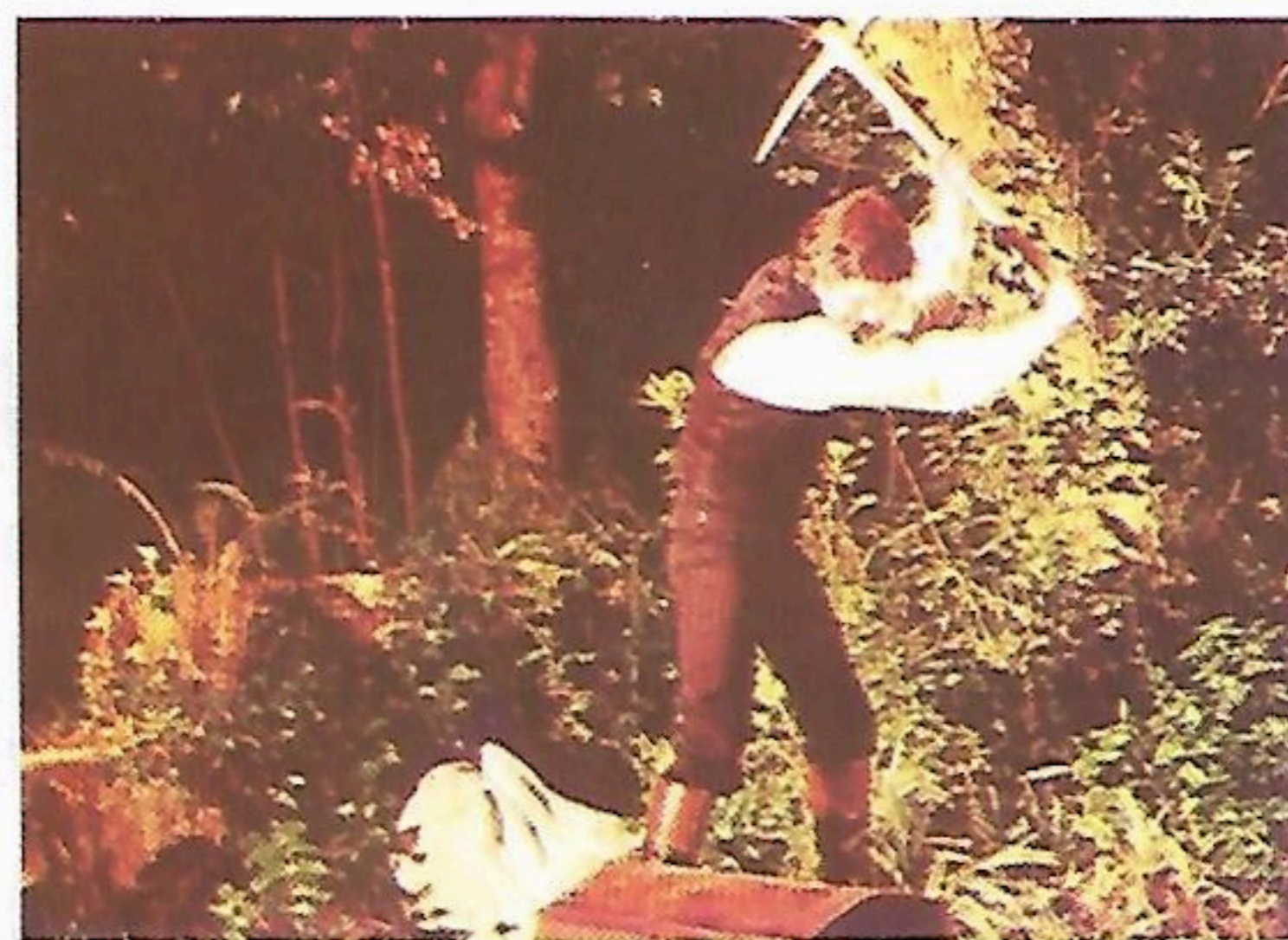
d'Epinay. Mas voltemos a Monte Cristo que tenta, neste momento, ganhar a confiança de um telegrafista...

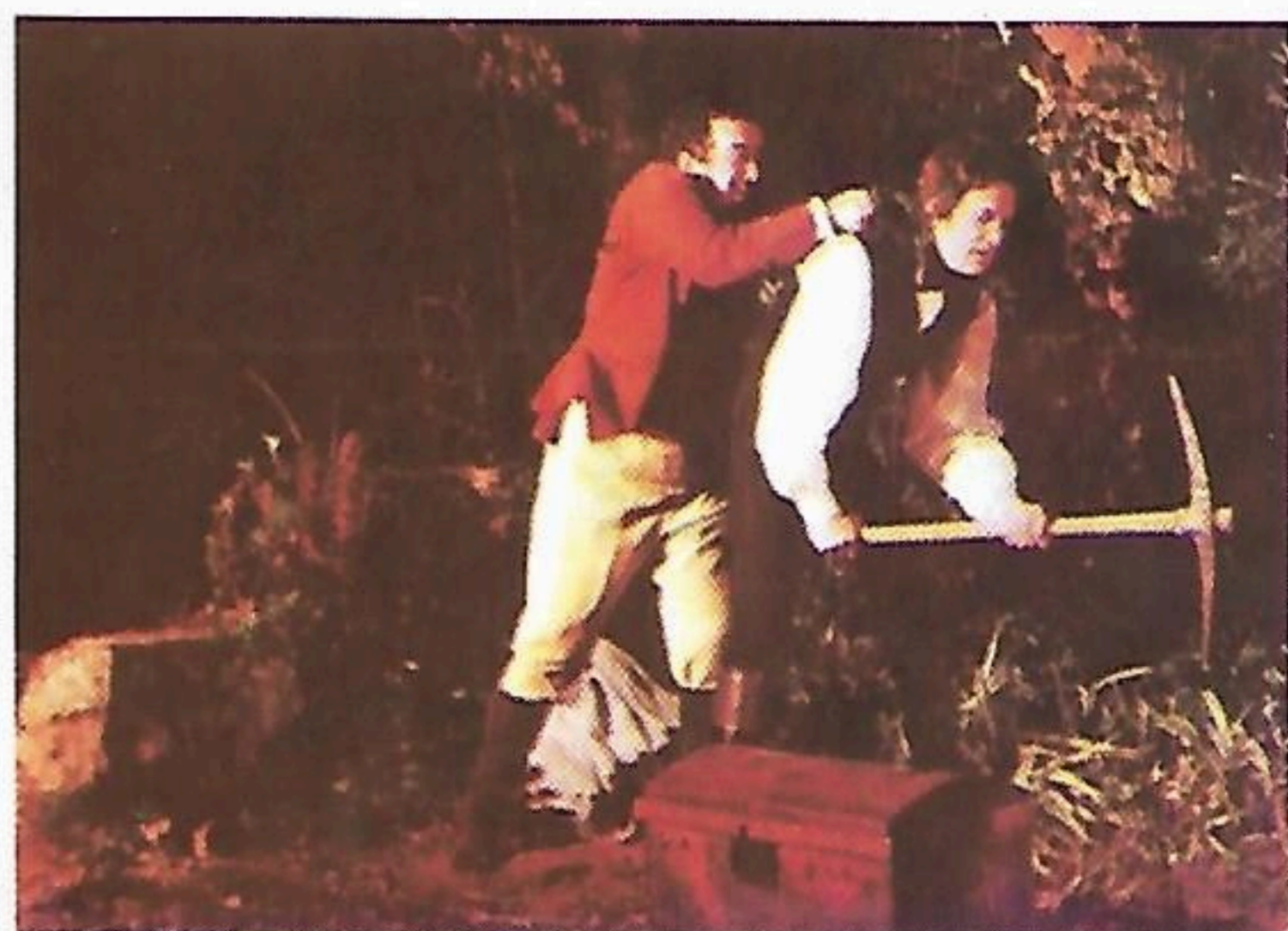


Que pretenderia o conde saber com tanta pergunta? Uma coisa é certa, Monte Cristo estava interessado em que as informações da bolsa de valores fossem deturpadas pelo telegrafista. Receando, naturalmente, vir a ser descoberto, o telegrafista recusa-se a aceder ao pedido de Monte Cristo. Este, porém, não desiste de conseguir a sua colaboração e, oferecendo-lhe avultada importância, obtém o compromisso que desejava.



Naquele fim de tarde tão ameno, Monte Cristo interroga o caseiro da sua nova casa de campo e tenta saber mais qualquer coisa acerca dos antigos donos da mansão. Segundo o homem, a casa pertencera à senhora de Saint-Meran, ex-sogra de Villefort, e mãe da falecida Renée. Quem não estava muito contente com a aquisição era Bertuccio o fiel criado do conde. Aquele local tão aprazível recordava-lhe uma estranha história de assassinato em que se envolvera no passado. Há muitos anos atrás era Bertuccio um pobre diabo sem eira nem beira quando ali mesmo surpreendeu um homem enterrando um cofre no jardim... Não tendo resistido à tentação, Bertuccio agredira o homem e roubara o cofre...





De facto a história era macabra, pois o cofre em questão continha o corpo duma criança recém-nascida que o criado entregara a pessoas de família. Curiosamente, Bertuccio sabia muito bem quem era esse homem e tinha provas bastante elucidativas...



Em casa de Villefort, este e Heloise conversam com o conde que, entretanto, os fora convidar para uma festa na sua nova mansão de Auteuil. Durante o encontro, o conde é extremamente amável. De facto, nem Villefort nem Heloise jamais haviam deparado com um Monte Cristo tão sorridente e tão simpático...



Enquanto Villefort fala acerca dos problemas que tem com o pai, o conde vai pensando em dois personagens que muito o incomodam: Fernand de Morcerf, pai de Albert e Mercedes, a mãe.



Eis que chegou o dia da festa em Auteuil. Muitos são os convidados que admiram a beleza dos jardins e a riqueza dos interiores. Monte Cristo é, na verdade, o anfitrião perfeito que não esquece um pormenor.



Logo que chegam ao salão, o príncipe Cavalcanti e seu pai chamam a atenção dos restantes convidados. Aliás, o conde de Monte Cristo sabia bem porque motivo reunia na sua nova casa de Auteuil



tantas figuras dos seus conhecimentos. O que segue, explica perfeitamente as suas intenções...

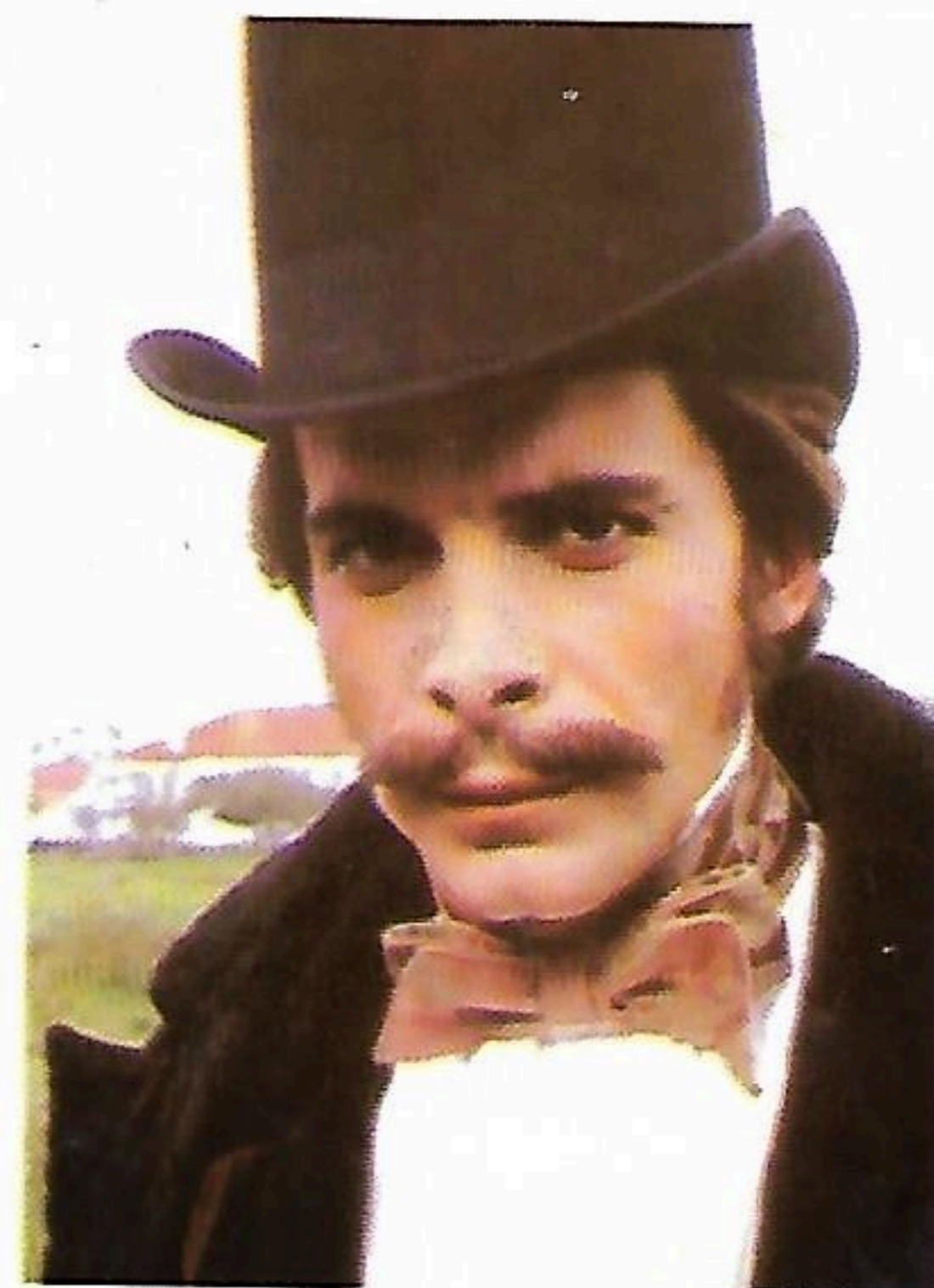


Enquanto Valentine se diverte com os gracejos de Cavalcanti, Villefort ao lado da senhora Danglars, escuta, muito sério, uma longa história que Monte Cristo insistira em contar. Bertuccio, a um canto c'a sala, estava apavorado. A história que o patrão contava era a

mesma que se tinha passado com ele. Para aumentar a desgraça, o homem que ele surpreendera a enterrar o cofre era, nem mais, nem menos, do que o próprio Villefort. Quanto à mãe da criança, essa era Hermine, actual mulher de Danglars...



Não admira, pois, que em determinada altura a senhora Danglars tenha desmaiado. O relato de Monte Cristo incomodara-a demasiado para poder resistir. Villefort, todavia, percebe as intenções do conde. Chama Hermine, que se encontrava noutro local da sala e procura, com a sua colaboração, resolver aquele problema. Na sua opinião, só a descoberta da verdadeira identidade de Monte Cristo poderia evitar o escândalo que se avizinhava...





Alguns dias se passaram e nova festa acontece. Desta vez os anfitriões são os pais de Albert de Morcerf, Fernand e sua mulher Mercedes, que tanto preocupavam Monte Cristo. Este que também fora convidado limita-se a observar os presentes. A um canto da sala, Valentine e Eugénie, filha de Danglars, conversam com Albert de Morcerf, um pouco mais afastado, Maximilien assiste ao diálogo com ar triste. Mercedes, que reparara na solidão de Monte Cristo tenta convencê-lo a comer qualquer coisa. A um bom observador seria fácil notar quem não estava à vontade...



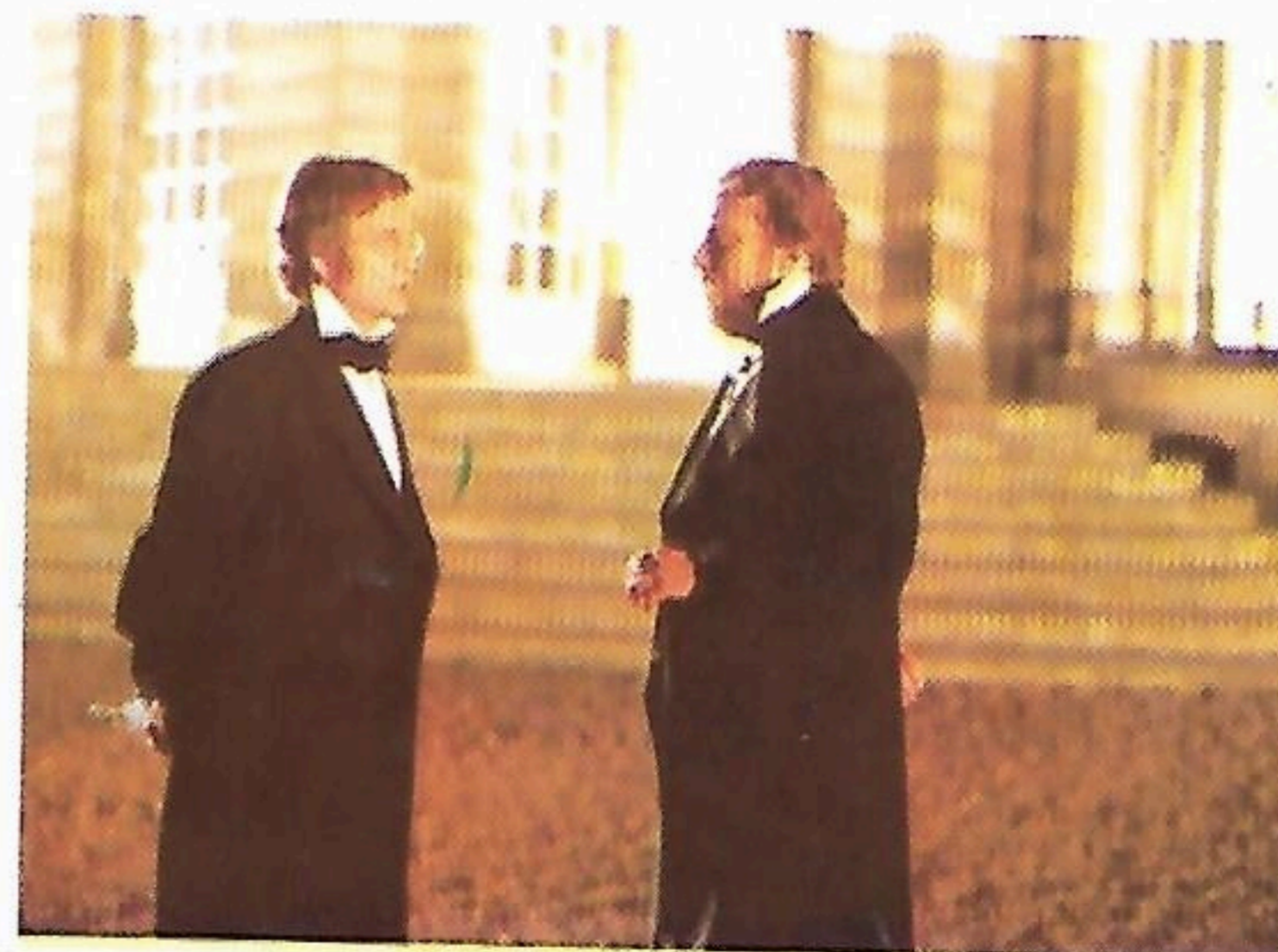


Maximilien, que era filho de Morrel, o armador de Marselha, não podia deixar de falar com a sua amada, Valentine. Os dois jovens tinham uma única ambição: poderem viver o seu amor sem entraves de espécie alguma. Mas Valentine preocupava-se. O seu casamento com Franz estava próximo e parecia impossível evitá-

-lo. Como se isso não bastasse, sua avó, a senhora de Saint-Meran encontrava-se muito doente, sendo de esperar o pior. Maximilien, por outro lado, jurara suicidar-se se Valentine casasse com Franz. Como evitar atitude tão drástica? A jovem não encontrava resposta...



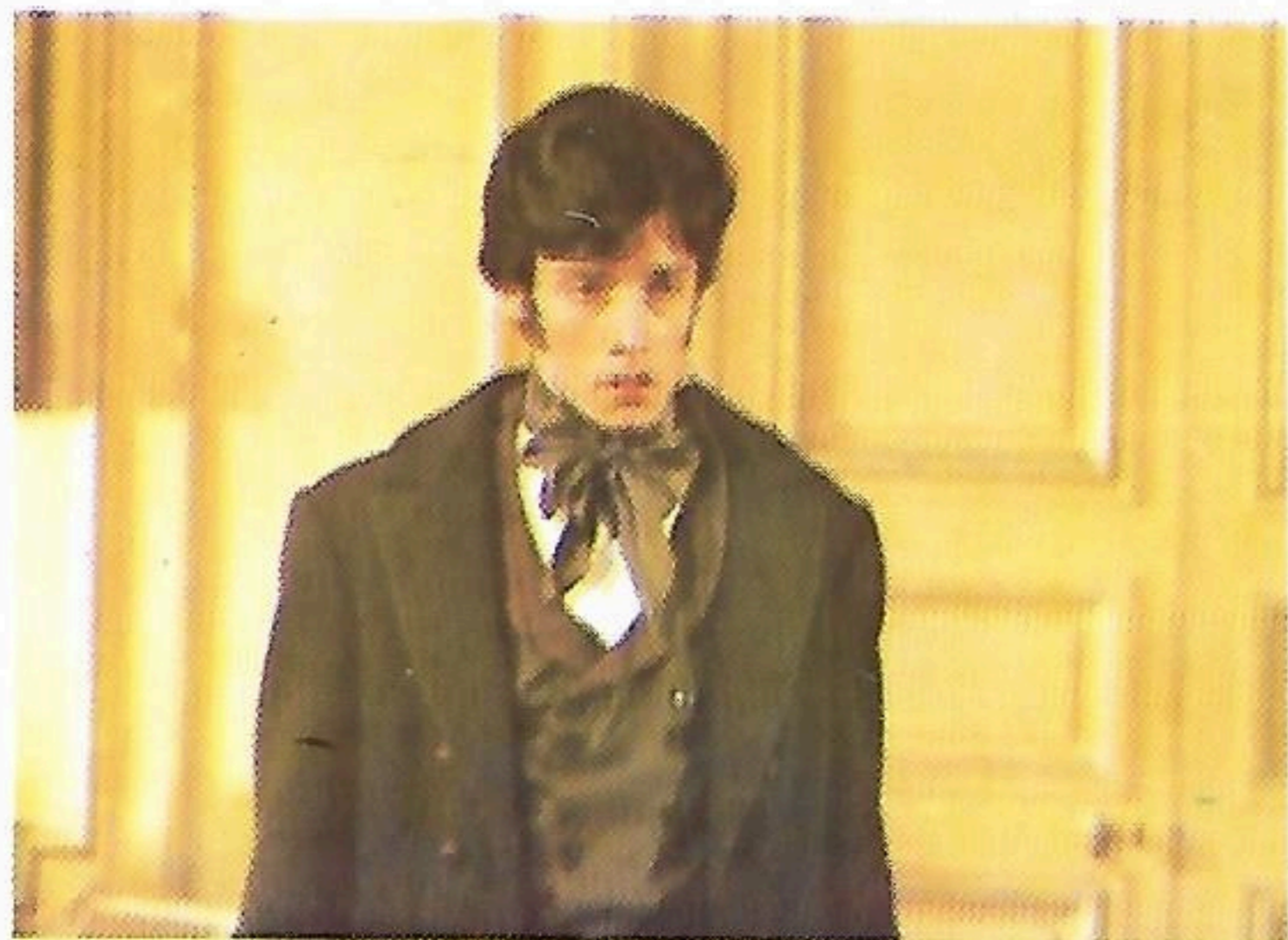
Tal como Valentine previra, a senhora de Saint-Meran não consegue resistir à doença. Villefort, muito triste, não sabe que dizer e sua filha, que adorava a avó, sofre um grande desgosto.



Por mais que Villefort não acreditasse no médico da família, ninguém podia duvidar de que algo de estranho se passava naquela casa. Segundo ele a senhora de Saint-Meran tinha sido envenenada.

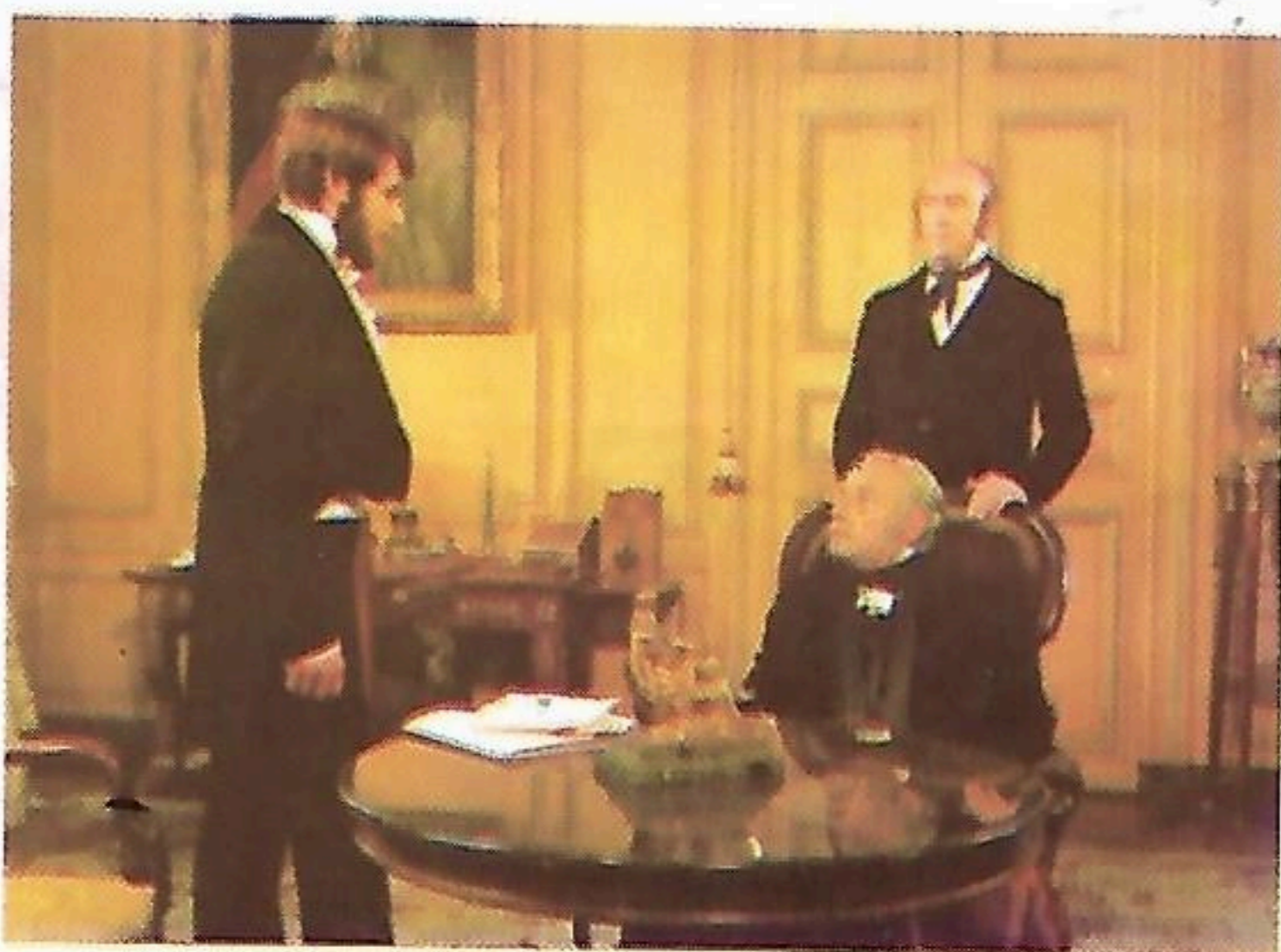


Maximilien, escondido, tinha ouvido a conversa entre o médico e Villefort. Ele corre então ao encontro de Valentine que nesse momento está com o avô. Noirtier, que já desconfia de tudo, tenta dar a entender a verdade dos factos, mas o pobre homem, que é mudo, não consegue comunicar. Apesar do relato de Maximilien, Valentine continua descrente. Quem poderia afinal cometer um acto tão ignóbil?



As horas tinham passado depressa e Maximilien devia sair daquela casa o mais rapidamente possível. Franz, em preparativos de casamento, não tardaria para se encontrar com Valentine. Desesperado, o jovem insiste para que a bem amada fuja na sua companhia

mas Noirtier intervém, dando a entender que os poderá salvar... Pouco depois, chega Franz. E Noirtier exige ficar a sós com o rapaz para lhe revelar, um tanto inesperadamente, a sua culpa no caso do assassinato do pai...





Beauchamp o director de um dos jornais mais importantes da cidade e velho amigo de Albert parecia não estar muito bem disposto. Segundo Albert o seu jornal fizera graves acusações contra Fernand de Morcerf. Estava em causa a honra da família. Mas Beauchamp

limitara-se a publicar as informações que Monte Cristo lhe dera. Albert, fora de si, jura vingança. Seu pai nunca fora um bandido e muito menos o assassino do paxá de Janina.



Se para uns tudo corria mal, para o príncipe Cavalcanti a vida começava a tomar rumo. A sua beleza e, sobretudo, o elevado dote que possuía, tinham agradado a Danglars que previa um futuro casamento com sua filha Eugénie.



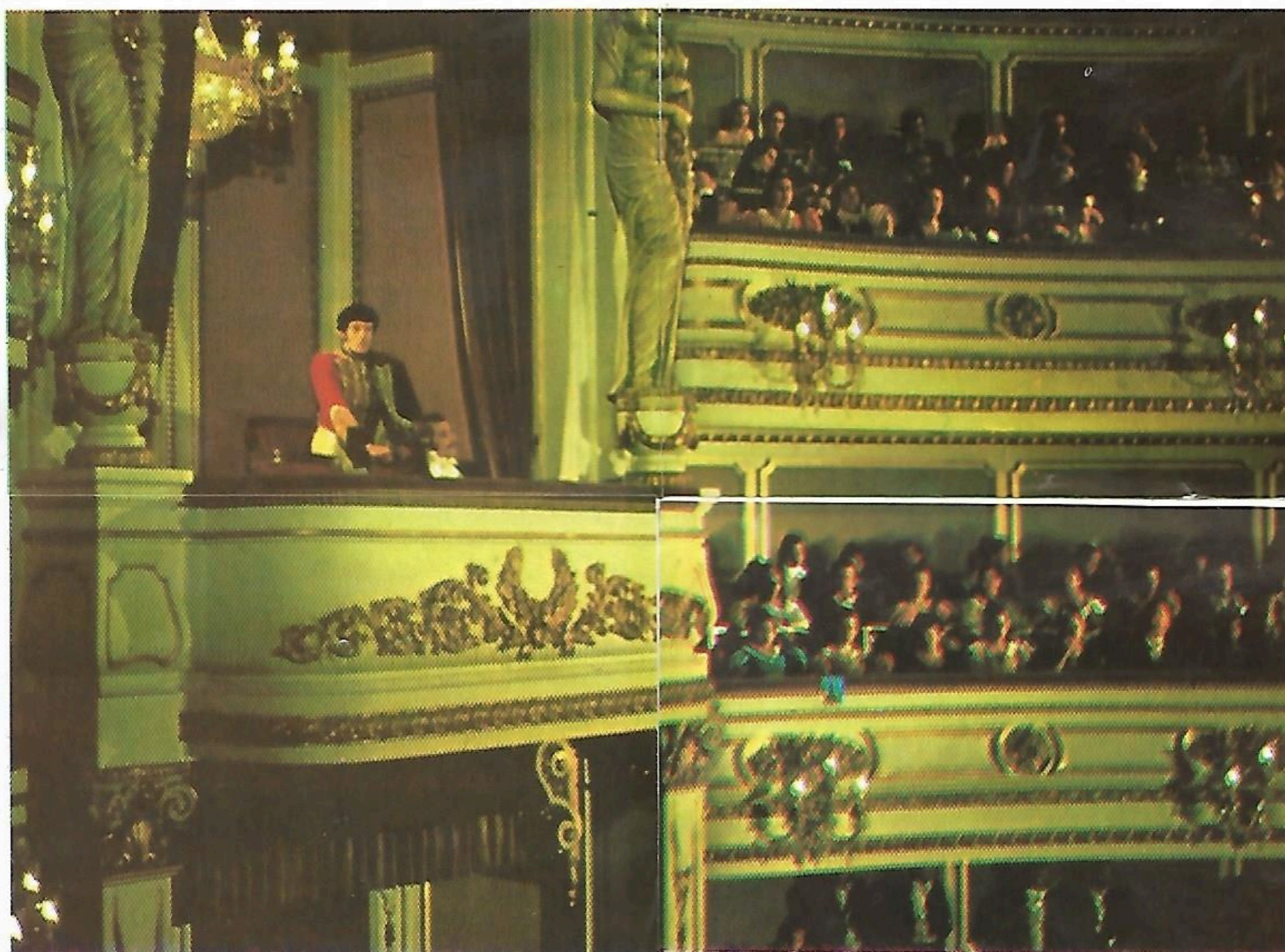
Por seu turno, o barão de Danglars parecia muito feliz. O casamento de Eugénie com o príncipe Cavalcanti resolveria o défice da sua empresa de créditos. Que importava que Eugénie estivesse noiva de Albert de Morcerf, para mais o filho de um criminoso?...



Mas as surpresas não ficavam por aqui. Cavalcanti não passava de um impostor que Monte Cristo ajudara. O seu nome verdadeiro era Benedetto e quem o conhecia melhor que ninguém chamava-se, nem mais nem menos, do que Caderousse. Ambos tinham sido companheiros de prisão e Caderousse precisava do rapaz para sair da miséria em que se encontrava.

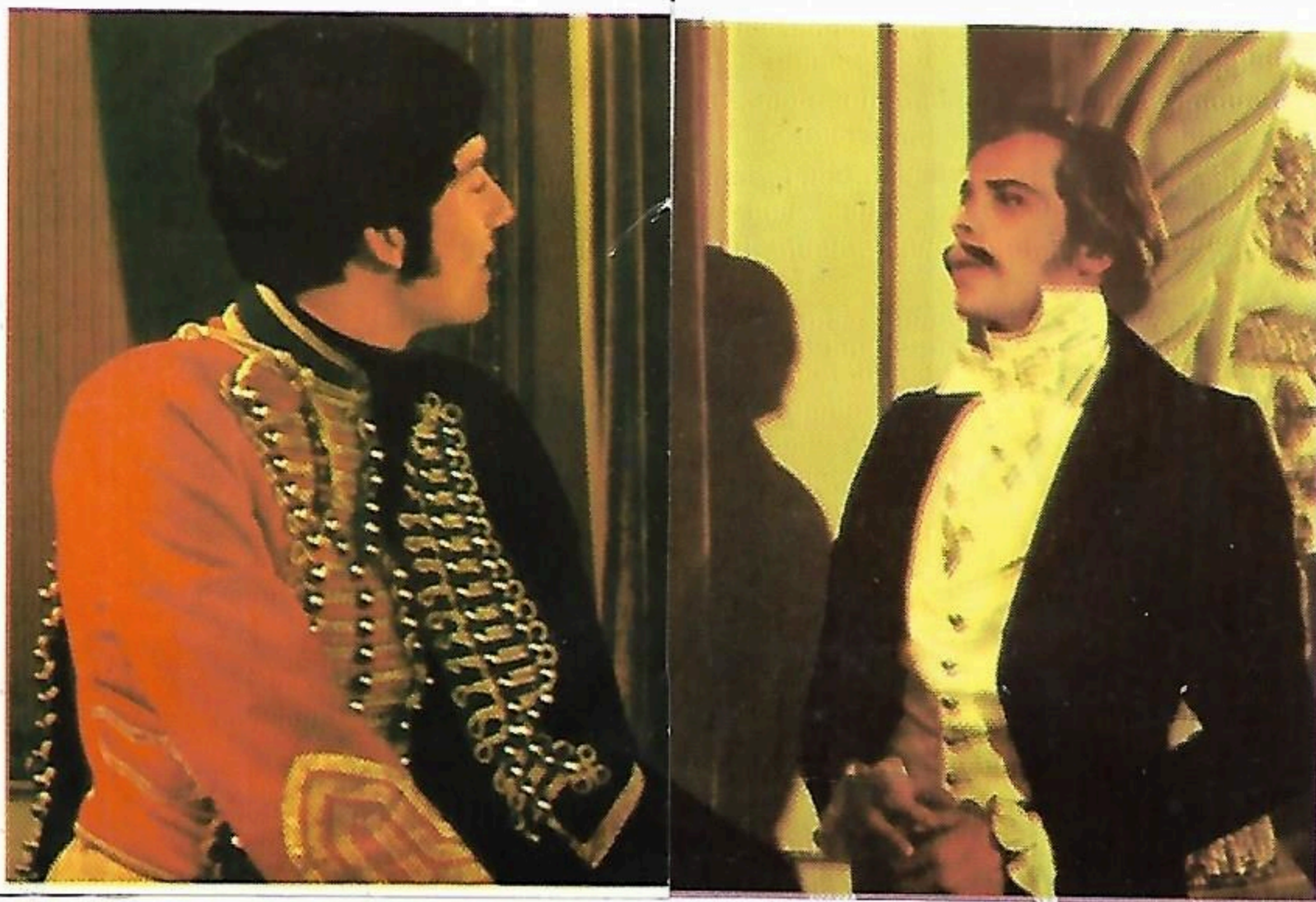


Se Cavalcanti era um bandido, Caderousse não lhe ficava atrás em talento e ousadia. Desta feita o plano era magnífico. Enquanto comiam um petisco preparado pelo antigo estalajadeiro, este esquematizava o assalto à casa de Monte Cristo. Talvez nem tudo lhes corresse tão bem como esperavam, pois nesse preciso momento o padre Busoni acabava de entrar na mansão do conde.



Decidido a morrer pela causa de seu pai, Albert aproveita a presença de Monte Cristo na sala onde se representa um espectáculo de ópera e desafia-o para um duelo. Não tinha sido, afinal, Edmund Dantés o causa-

dor da denúncia? Franz d'Épinay assiste também à representação. Ele está contra a ideia do duelo mas acabará por aceitar ser testemunha.

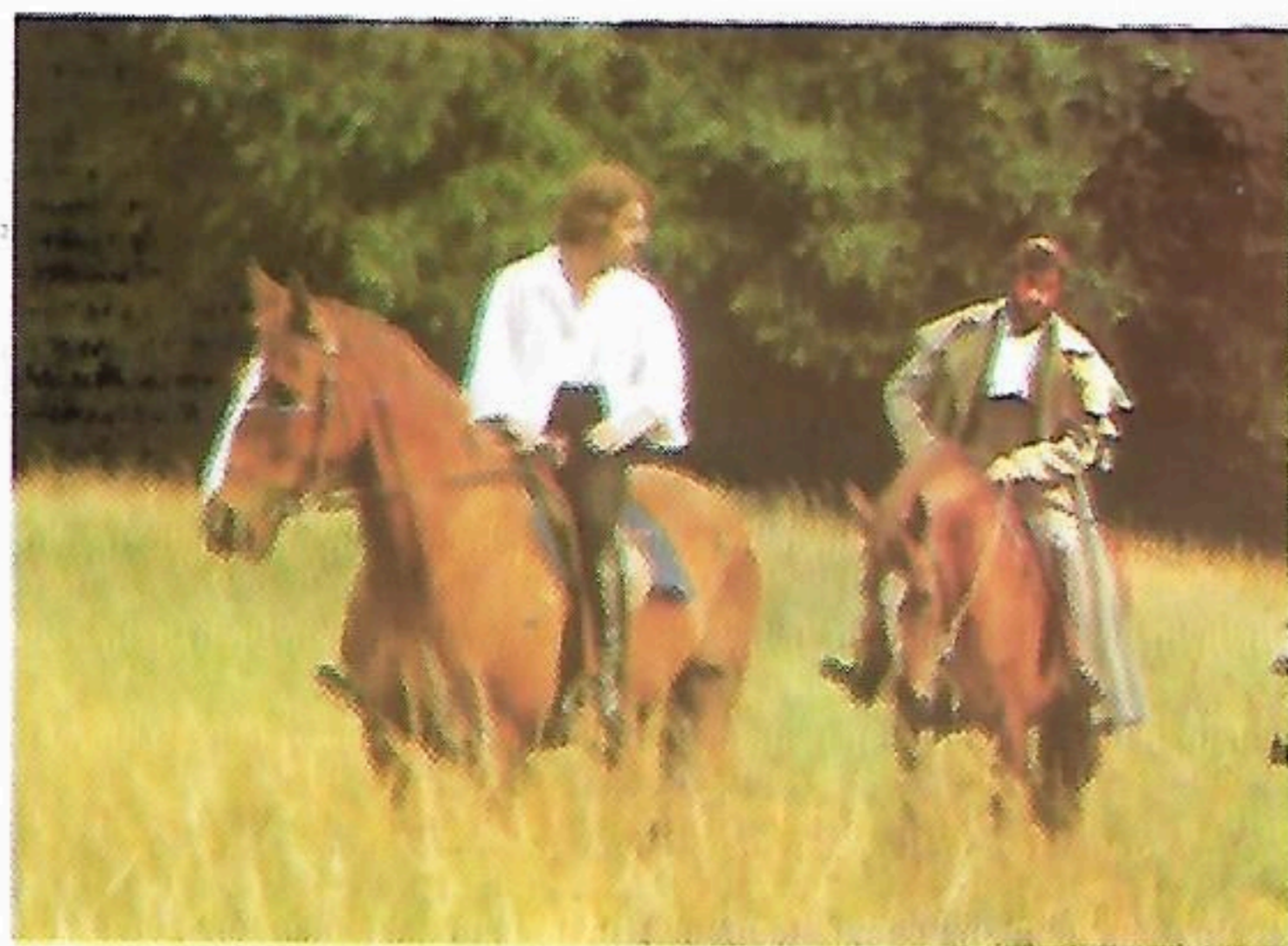


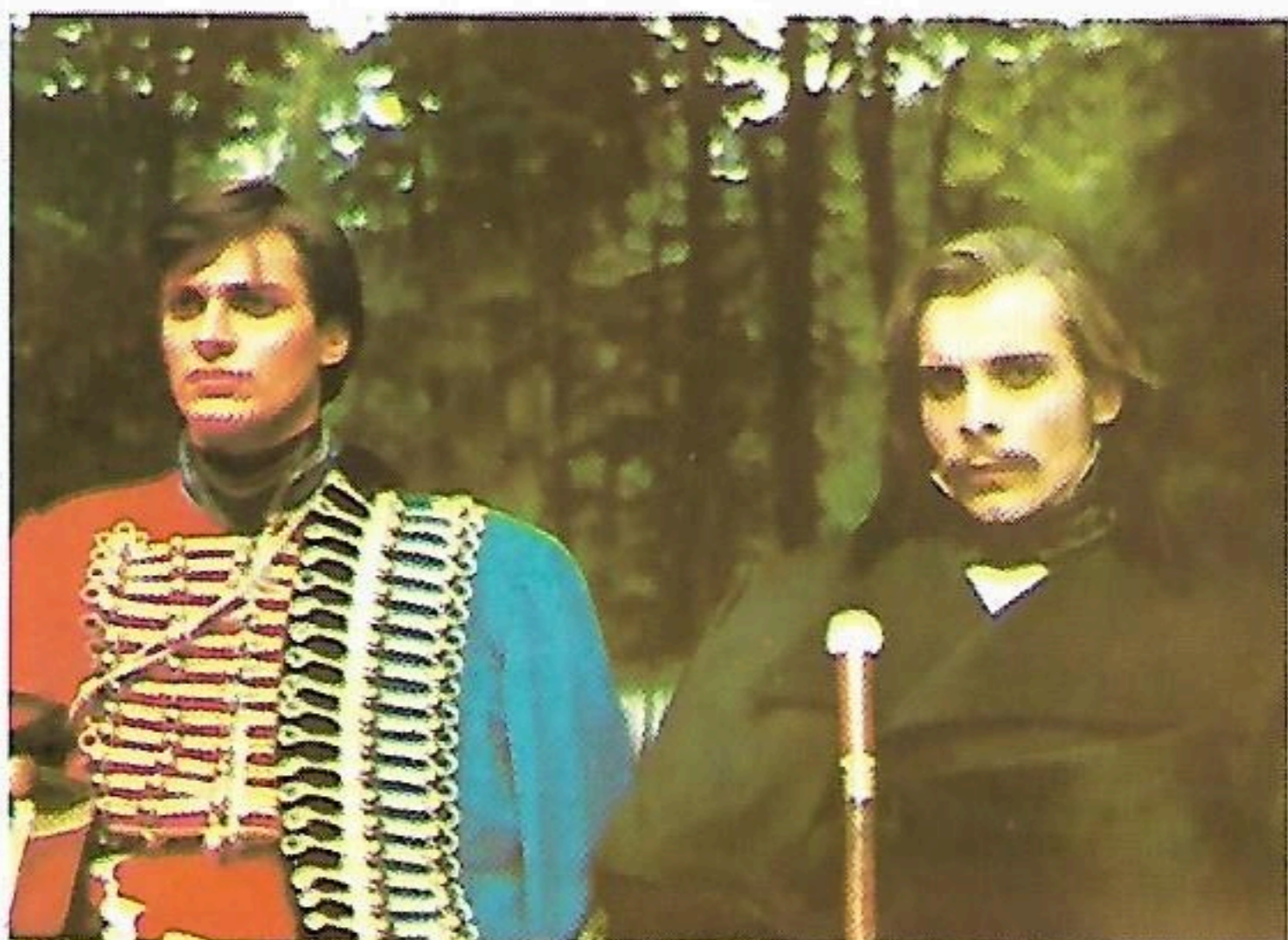
Para Maximilien a figura do conde rodeava-se do maior mistério. Apercebendo-se do que o rapaz pensava, Monte Cristo resolve contar-lhe tudo. Na noite do assalto a sua casa, Caderousse tinha sido morto por Benedetto, mas ele assistira ao crime disfarçado de padre Busoni, o estalajadeiro fora o primeiro a reconhecê-lo. Monte Cristo era Edmond Dantés, o mesmo que salvara Morrel, pai de Maximilien, da ruína total. Por esta altura Albert, entrando de rompante no camarote, dá-lhes conta das suas intenções...



Monte Cristo não tinha outro remédio senão aceitar o desafio. Maximilien seria sua testemunha. Antes, porém, Mercedes, mãe de Albert, decide interferir. Também ela reconhecera Dantés e como tal se sentia no dever de impedir aquele massacre. Mas Edmond é inflexível. O duelo teria mesmo que se realizar. Monte Cristo, po-

rém, tranquiliza Mercedes: ele concorda que Fernand não merece que o filho seja morto por sua culpa — quem morrerá, portanto, será ele próprio, Monte Cristo. Mas as surpresas sucedem-se... E quando todos se encontram no local combinado para o duelo...





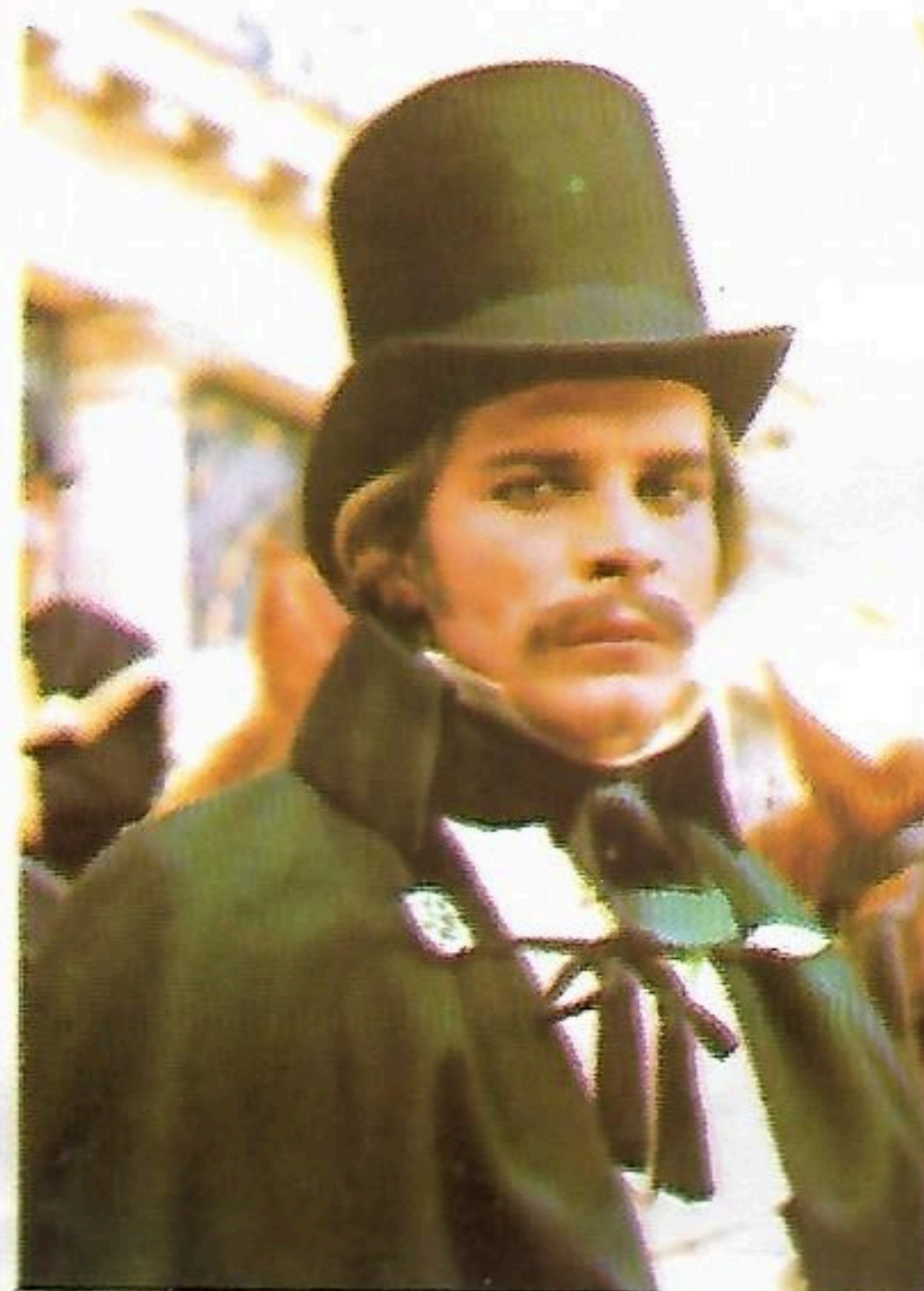
...Albert de Morcerf declara que não está ali para se bater em duelo, mas, antes, para apresentar as suas mais sinceras desculpas. Tinha descoberto que tudo quanto se havia dito acerca de seu pai era verdade!



Aceitando as desculpas do rapaz, Dantès abraça-o como se fosse seu filho. Agora, Fernand, iria saber quem era Monte Cristo. De facto tinha sido ele o culpado da sua prisão...



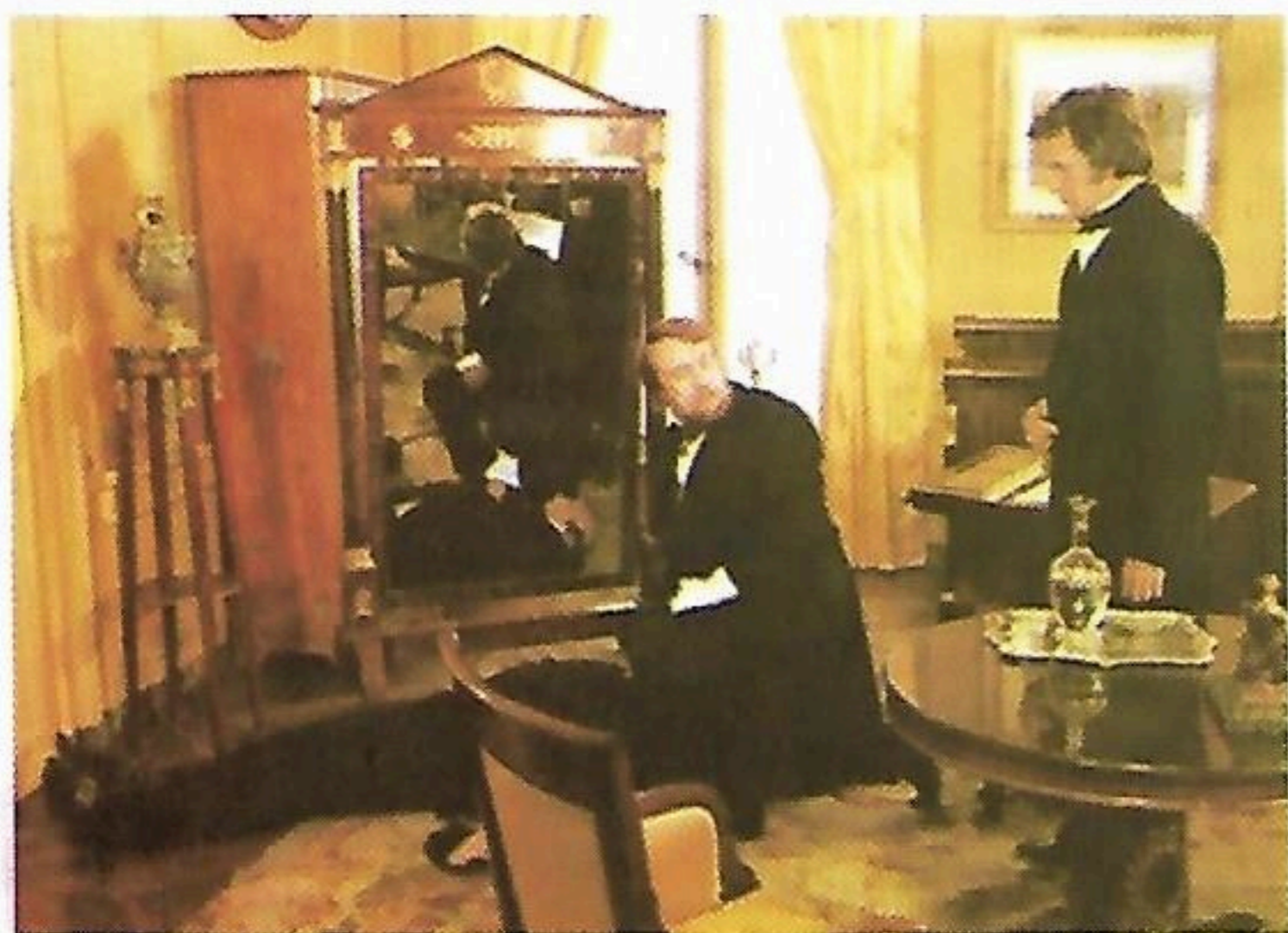
A pouco e pouco os velhos companheiros de Dantès íam pagando os erros cometidos. Fernand, por exemplo, parecia esperar por Monte Cristo. Ele já sentia próxima a hora da vingança. Assim que este chega a sua casa, Fernand reconhecendo-o tenta matá-lo. Mas a idade não perdoa e o homem, visivelmente cansado, acaba por sair vencido. Passados alguns instantes ouve-se um tiro. Fernand suicidara-se. Para Dantès aquele triste fim significava cobardia...



Valentine e Maximilien estão felizes. Não muito distante, o velho Noirtier, sentado no seu cadeirão favorito, observa-os com secreta



alegria. Afinal de contas, a felicidade dos dois jovens era também a sua razão de viver...



A família de Villefort atravessava um período crítico. Depois da morte da senhora de Saint-Meran, coube a vez a Barrois, um velho servidor que desde sempre cuidara de Valentine e de Noirtier. Tudo se processara de forma estranha. Barrois tinha sede e a rapariga dera-lhe de beber. Passados minutos, o criado caía, inanimado. O médico, que chega pouco depois, já nada pode fazer...

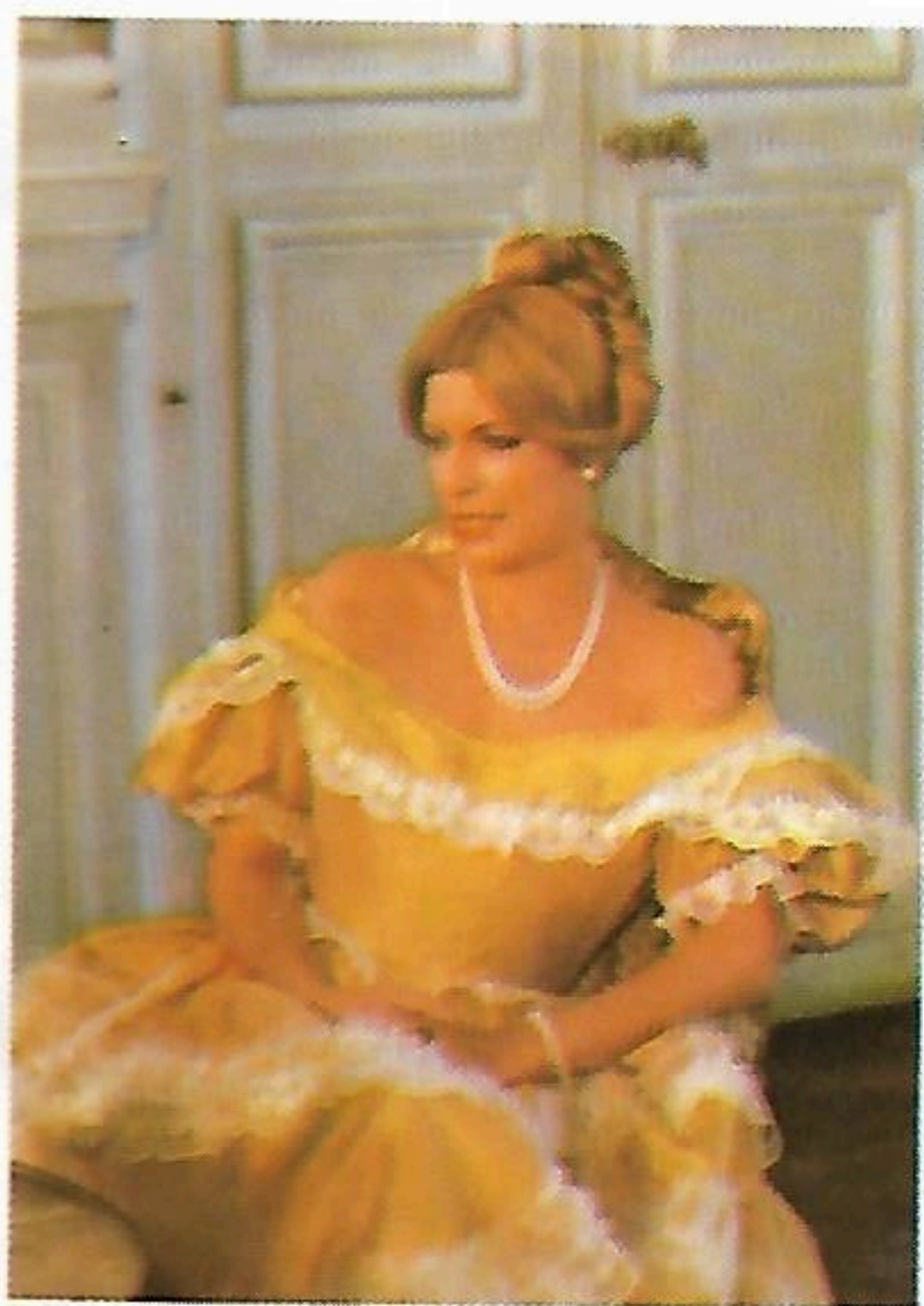


Nem a presença de Eugénie Danglars conseguia divertir Valentine. Para toda a família tinha sido ela a culpada da morte da avó e do criado. Só uma pessoa acreditava na sua inocência, mas essa, não podia falar. Sim, Noirtier conhecia a verdade, talvez a fúria assassina recaísse nele. Havia que estar muito atento e esperar a sequência dos acontecimentos. Em breve de certo que tudo seria esclarecido...



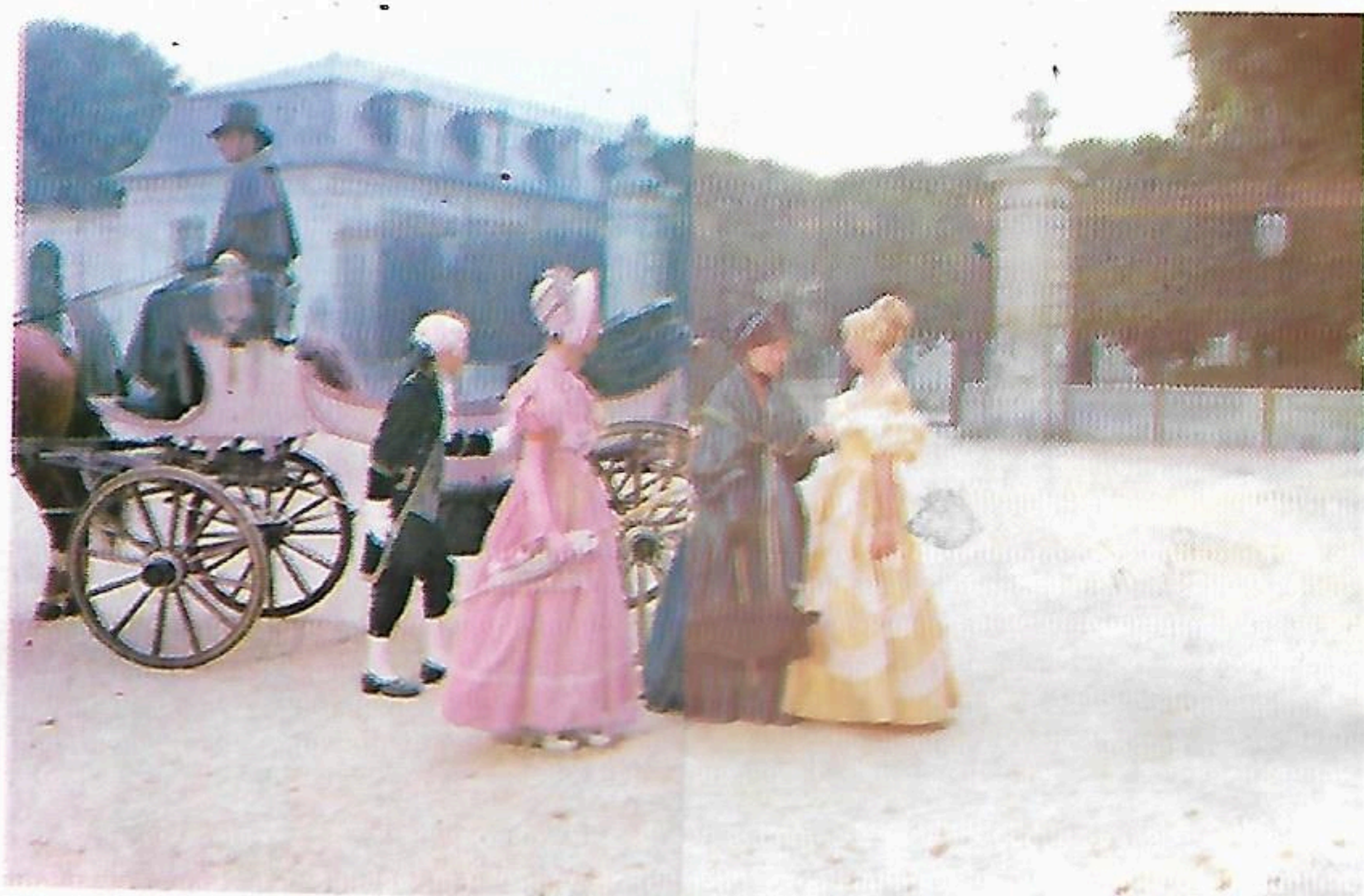
Heloise de Villefort, todos o sabiam, sempre gostara muito de conviver. Naquele dia a senhora Danglars e Eugénie tinham ido visitá-la. Valentine, que também estava presente, tentava com muito custo, seguir a conversa, mas a madrasta não lhe dava atenção. A jovem não tolerava semelhante procedimento. Sentia-se des-

prezada. E recordava, naquele momento, a sua verdadeira mãe, a bondosa Renée de Saint-Meran, morta há já algum tempo. Depois, o seu pai casara com Heloise e a sua vida alterou-se completamente. Ela vivia de facto num inferno e nem sempre tinha oportunidade de o dar a entender...



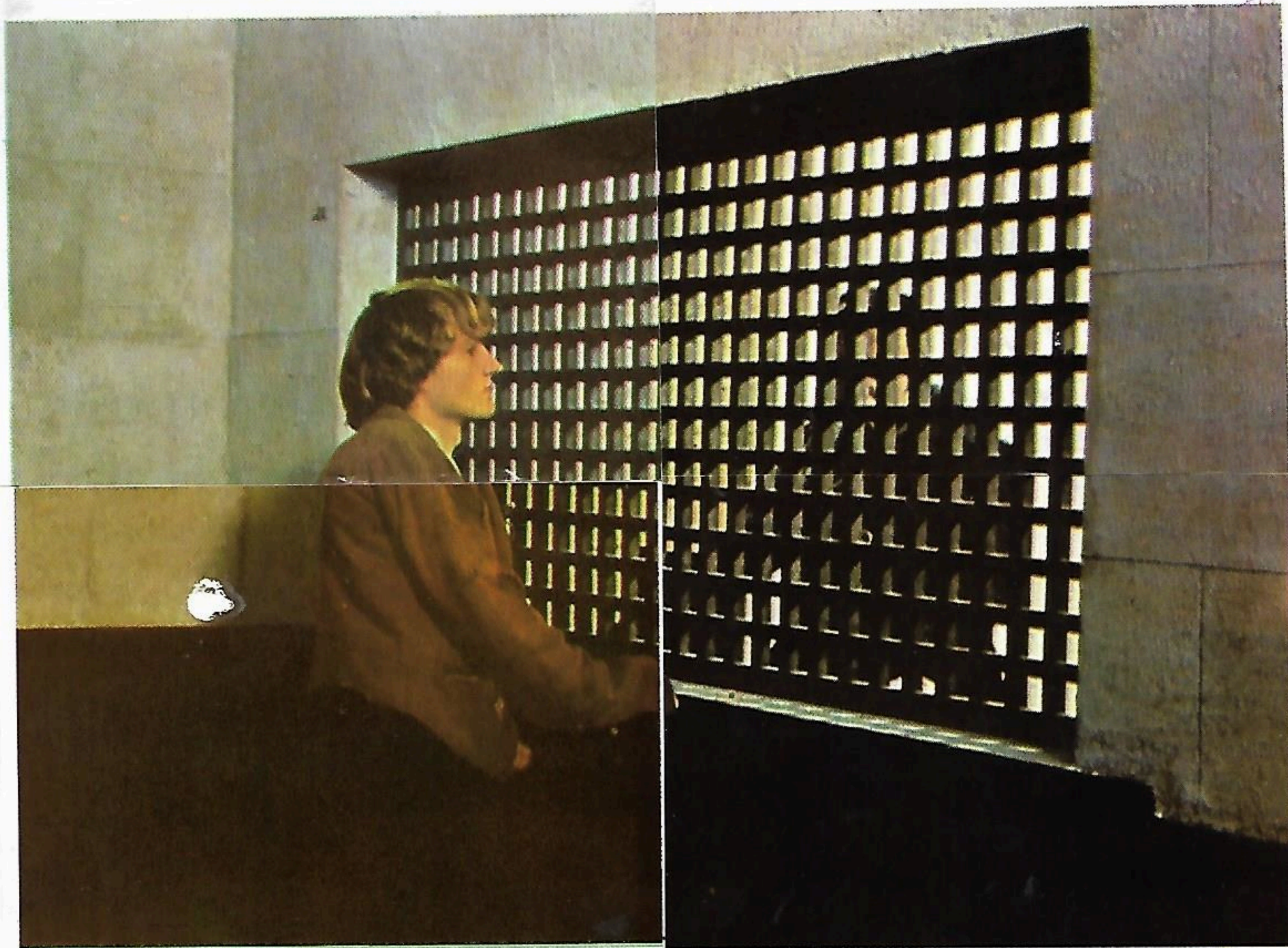
Os pensamentos de Valentine faziam-na cair numa angústia terrível. Sentia-se desprotegida e odiada. E tinha a certeza absoluta de que poucas raparigas da sua idade conseguiriam suportar tão prolongado sofrimento. Agora, porém, ela estava a sentir-se indisposta e o pretexto, embora lamentável, era ótimo para se isolar — e sair imediatamente daquela sala.

A súbita recaída de Valentine obriga Eugénie a pedir à mãe que voltem para casa pois a amiga precisava de repouso. Antes, porém, havia que anunciar o futuro casamento de Eugénie com o príncipe Cavalcanti. A mãe, curiosamente estava mais animada com a ideia do que a própria noiva. Segundo Hermine Danglars, a festa seria de arromba, toda a alta sociedade parisiense estava convidada e os Villefort não podiam faltar. Assim que Heloise entra em casa verifica que Valentine se encontra de cama. É a criada quem a avisa do estado febril da rapariga...





Embora a doença da rapariga o tivesse deixado muito abalado, Noirtier continua a ser o amigo e companheiro da sua neta favorita. Quando Maximilien toma conhecimento do sucedido, precipita-se para casa de Dantés. Que haveria ele de fazer para salvar a sua amada? Entretanto, desde o assalto frustrado a casa do conde, que Benedetto se encontra preso aguardando o dia do julgamento. Villefort sabe que mais dia menos dia o escândalo há-de rebentar...

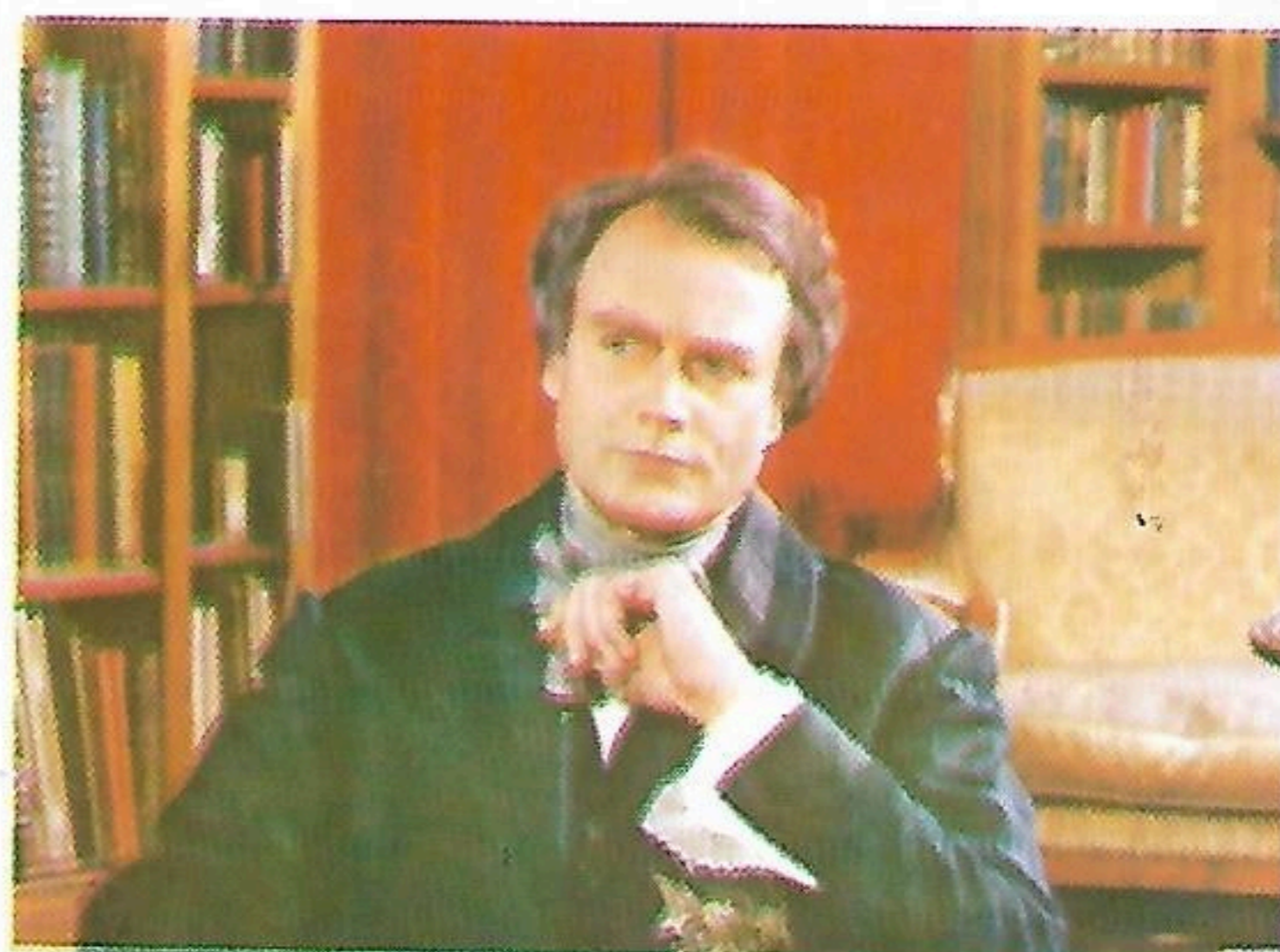


Bertuccio decide visitar Benedetto para lhe pedir que não cometa mais erros. Mas o jovem está confiante: se ele é um ladrão, que dirá Villefort quando todos souberem a sua história? A verdade é que no dia em que Benedetto aparece no tribunal, a sua pose não é a do réu vencido, mas, antes, a do homem seguro de si mesmo. Ao ser interrogado pelo advogado de acusação o seu depoimento não deixa margem para dúvidas. Admitindo a veracidade dos factos Villefort retira-se, cabisbaixo.





A pedido de Maximilien, Monte Cristo resolve propor a Valentine que simule estar morta para descobrir o assassino. A jovem, embora descrente, aceita a ideia e acabará por surpreender Heloise a deitar veneno na sua água. Era, de facto, inacreditável o que os seus próprios olhos viam!



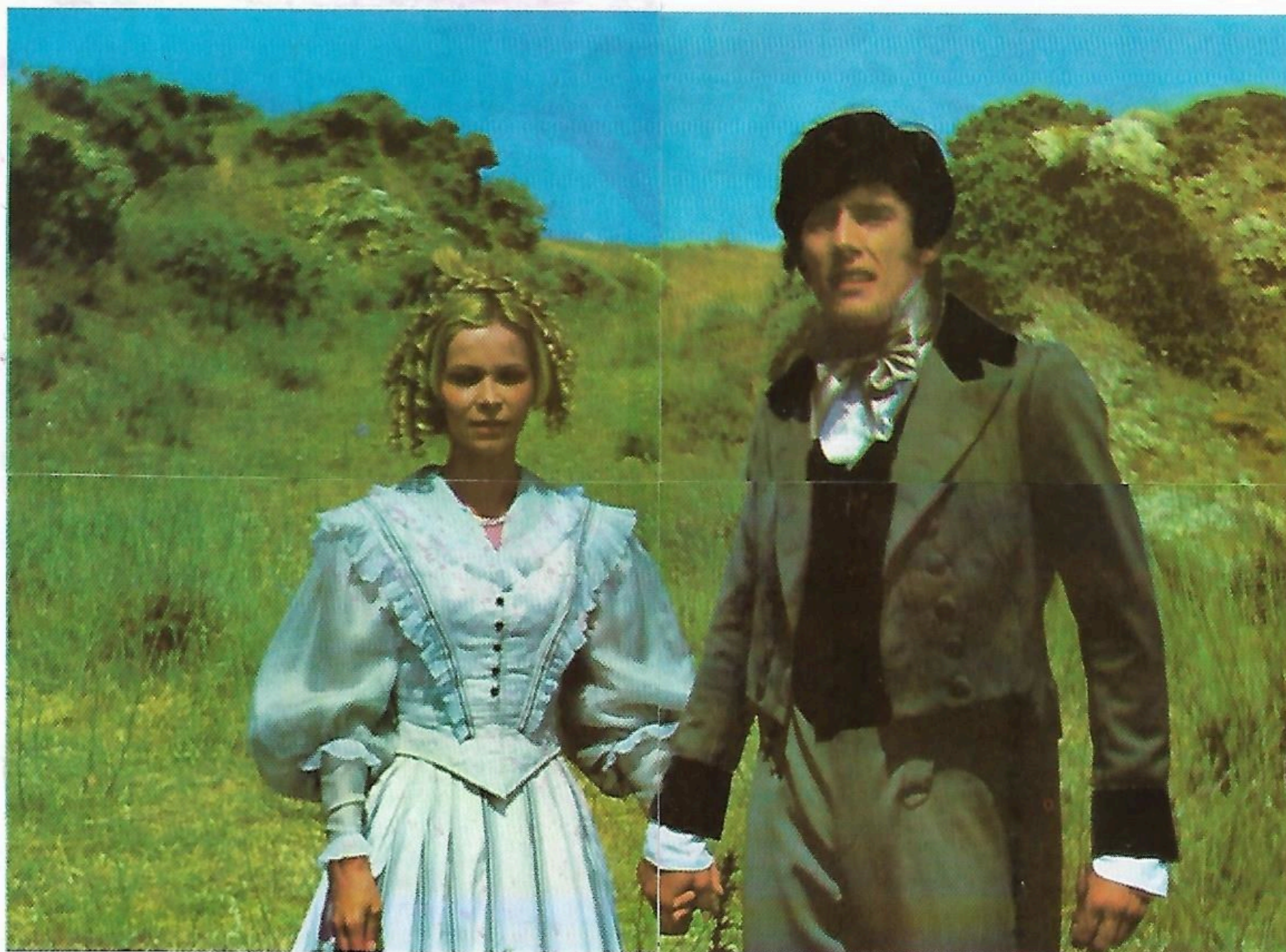
Por esta altura, Villefort já não pode conter a sua raiva. Valentine morrera envenenada por Heloise. Esta devia pagar com a sua vida os actos que cometera. O drama final de Villefort é confrangedor: Heloise matara-se mais o seu filho...



Como seria possível ver Maximilien feliz passeando com Valentine na ilha de Monte Cristo? Só a rapariga pode esclarecer o mistério. Tudo se havia passado segundo um plano de Dantés. Depois daquela noite em que Heloise fora descoberta, Valentine ingerira uma poção que a deixara como morta. No outro dia, todos pensaram que ela tinha morrido, mas a situação era fictícia. Passado algum tempo, Monte Cristo, violando o seu túmulo, trouxera-a bem viva para a ilha.

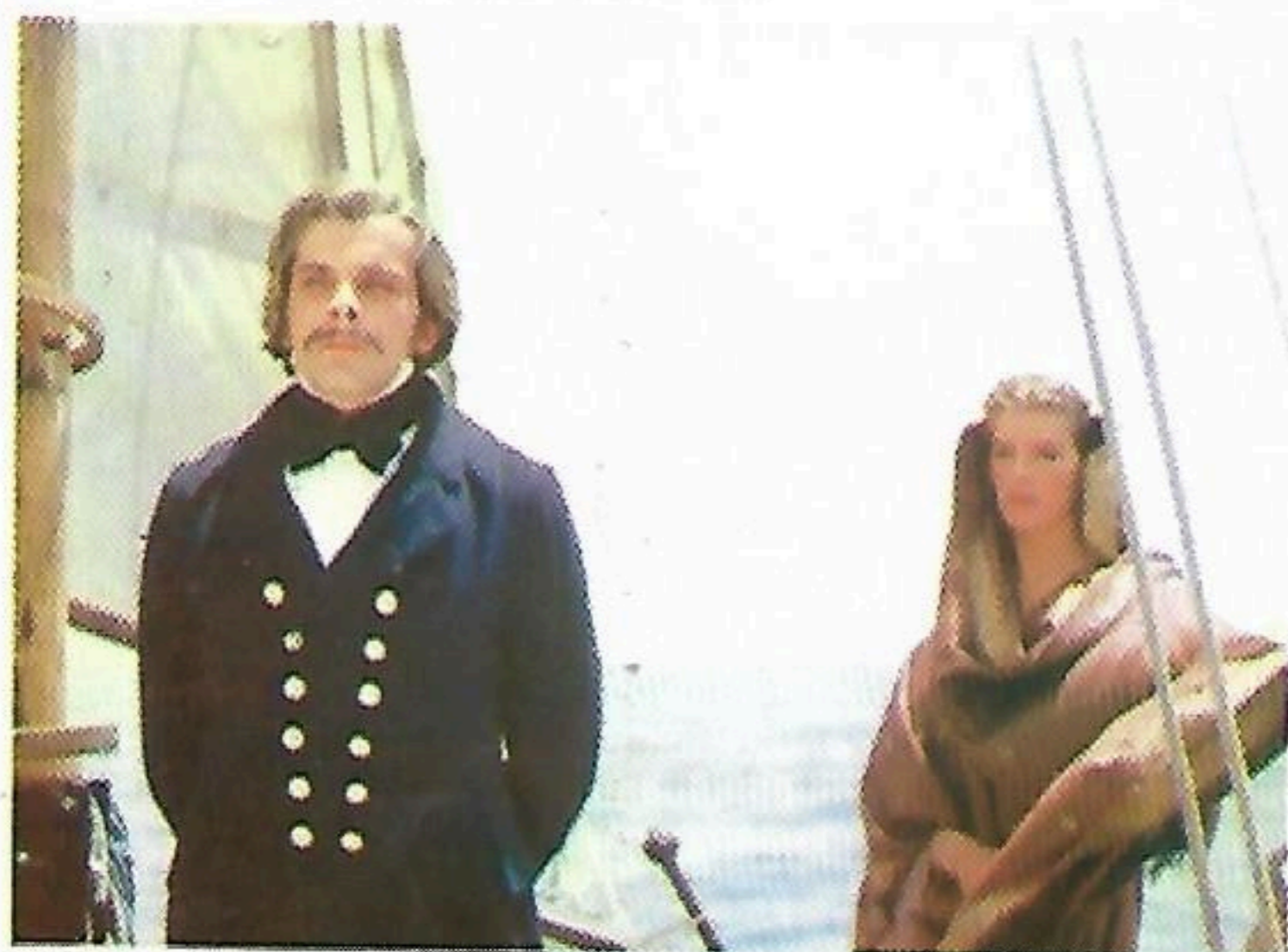
Naquele instante, Maximilien repara que Monte Cristo tinha desaparecido. E de facto assim era: do conde, apenas havia uma mensagem. Sim, depois de tanto drama, só havia uma hipótese, partir, partir e esquecer o passado. Valentine e Maximilien mereciam uma vida melhor. Para eles ficava toda a riqueza de Monte Cristo. Enquanto isto, algures, em França, Danglars estava na miséria. Luigi Vampa tinha-se encarregue de o devolver à sua origem. O rico banqueiro era agora obrigado a pedir esmola!





Os dois jovens amantes ficam a observar o navio de Monte Cristo que se afasta, lentamente. Ambos recordam o dia em que o conheceram, a ele mais à sua fiel companheira, Haydée, a mesma que reconheceu em Fernand o assassino de seu pai, o paxá de Janina. Para trás, ficaram os anos de terror e desgraça. A injusta prisão do marinheiro Edmond Dantès acabara por ser vingada. Primeiro, fora Caderousse, depois, Fernand, mais tarde, Danglars e Villefort. De todos eles apenas Mercedes fora poupada, mas também ela não tivera coragem suficiente para esperar. Por esta altura, onde andaria Albert de Morcerf, Franz e Beauchamp? Agora nada mais interessava. A partir dali uma vida nova começaria. Monte Cristo, já longe, pensava em tudo aquilo... Também ele desejava recomeçar a viver!

Fim



O Castelo de If e a ilha de Monte Cristo



No mapa, as posições da ilha de Monte Cristo e do Castelo de If no alto Mediterrâneo.



As rochas da ilha de Monte Cristo onde se encontram as grutas onde Edmond Dantès descobriu o tesouro.

A três quilômetros na direcção sudoeste de Marselha (França) existe uma ilha abrupta que foi antiquíssima prisão de Estado e que hoje é local obrigatório de visita para milhares de turistas que ali acorrem todos os anos. O presídio situa-se no Castelo de If e o seu nome foi imortalizado por Alexandre Dumas no célebre romance "O Conde de Monte Cristo".

Embora os personagens citados por Dumas (Edmond Dantès e Abade Faria) tenham sido fruto da sua imaginação, sabe-se que foram inspirados em figuras que de facto existiram. O Castelo de If, porém, não foi inventado. Ele existia (e existe) e o romancista preocupou-se em fazer um levantamento rigoroso do local confirmado aliás através da forma minuciosa como é descrito no romance. Pisando hoje as pedras da fortaleza, nenhum turista deixa de recordar as cenas da prisão dos dois personagens e o momento em que foi atirado ao mar o cadáver que não era cadáver, nem de imaginar quantas braçadas Dantès teve que dar para alcançar a costa.

O Castelo de If foi mandado construir por Francisco I, rei de França para servir de prisão política. E muito embora a primeira pedra tenha sido colocada em 1524, só passados trinta anos é que a obra, incluindo as três torres, o torreão, o caminho da ronda, as celas e o "segredo", estava pronta para albergar os seus "hóspedes".



A ilha, medindo aproximadamente 850 metros de perímetro, apresentava-se como um aglomerado de massa rochosa, deserta e árida.

As celas propriamente ditas, em número de 17 tal como desde a sua fundação, en-

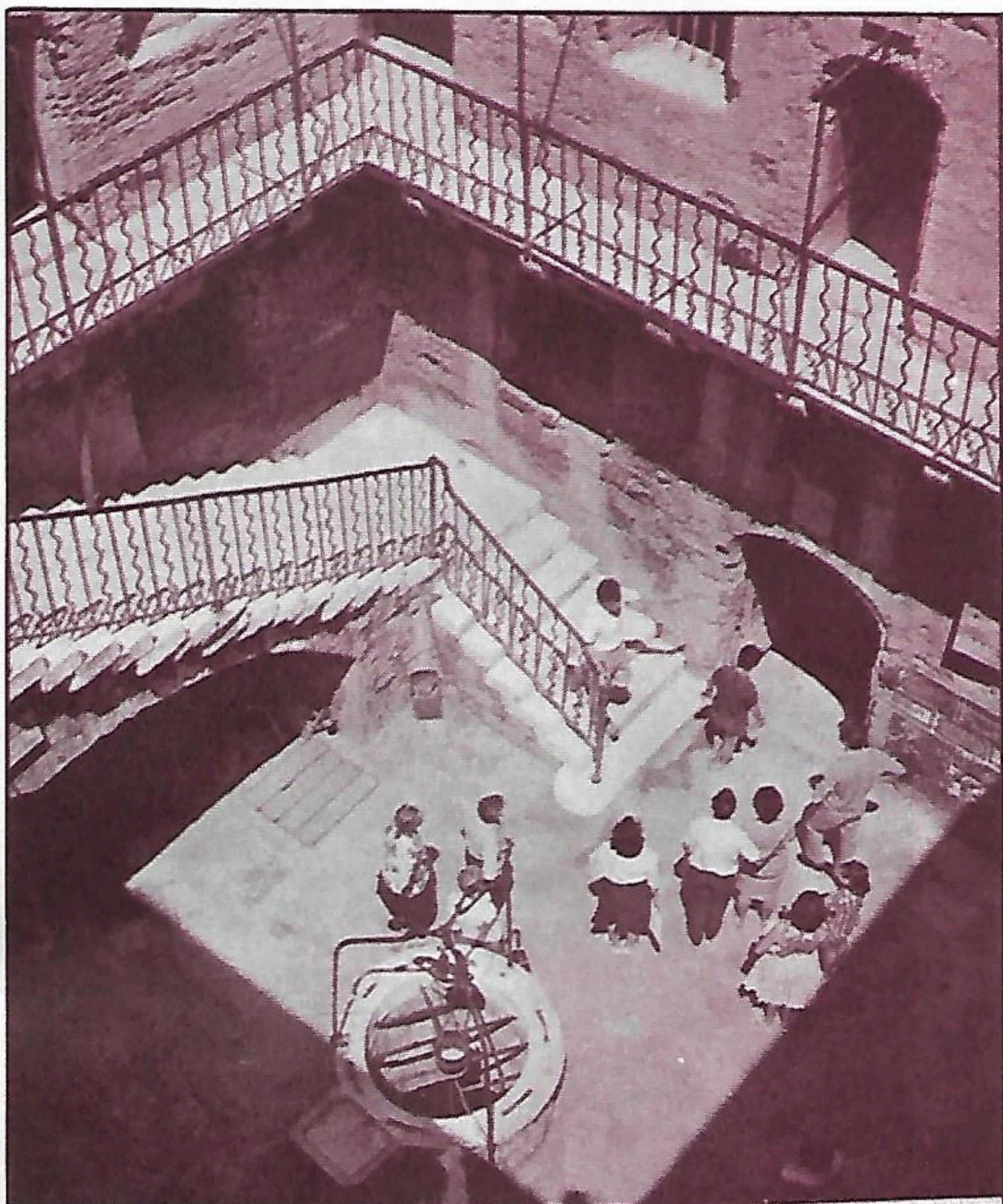
contram-se situadas à volta de um pequeno pátio interior. Nas torres e em toda a volta do Castelo existem outras celas, mais amplas, onde estiveram reclusos alguns grupos de políticos notáveis, corsários, salteadores, conjurados contra Napoleão durante o I Império, assim como os 513 marseheses envolvidos nos acontecimentos provençais da Comuna em 1871 que ali se mantiveram isolados, enquanto decorria o processo.

As celas variam muito umas das outras. No primeiro piso algumas são aquilo a que hoje poderemos chamar um pequeno apartamento, bastante arejadas e conhecidas por "com vista para o mar". Nestas, que são nove no total, esteve detido nos finais de quinhentos o primeiro prisioneiro célebre do Castelo, o italiano Alberto del Campo, um astrólogo que para não ver desmentidas as suas profecias, envenenava os per-

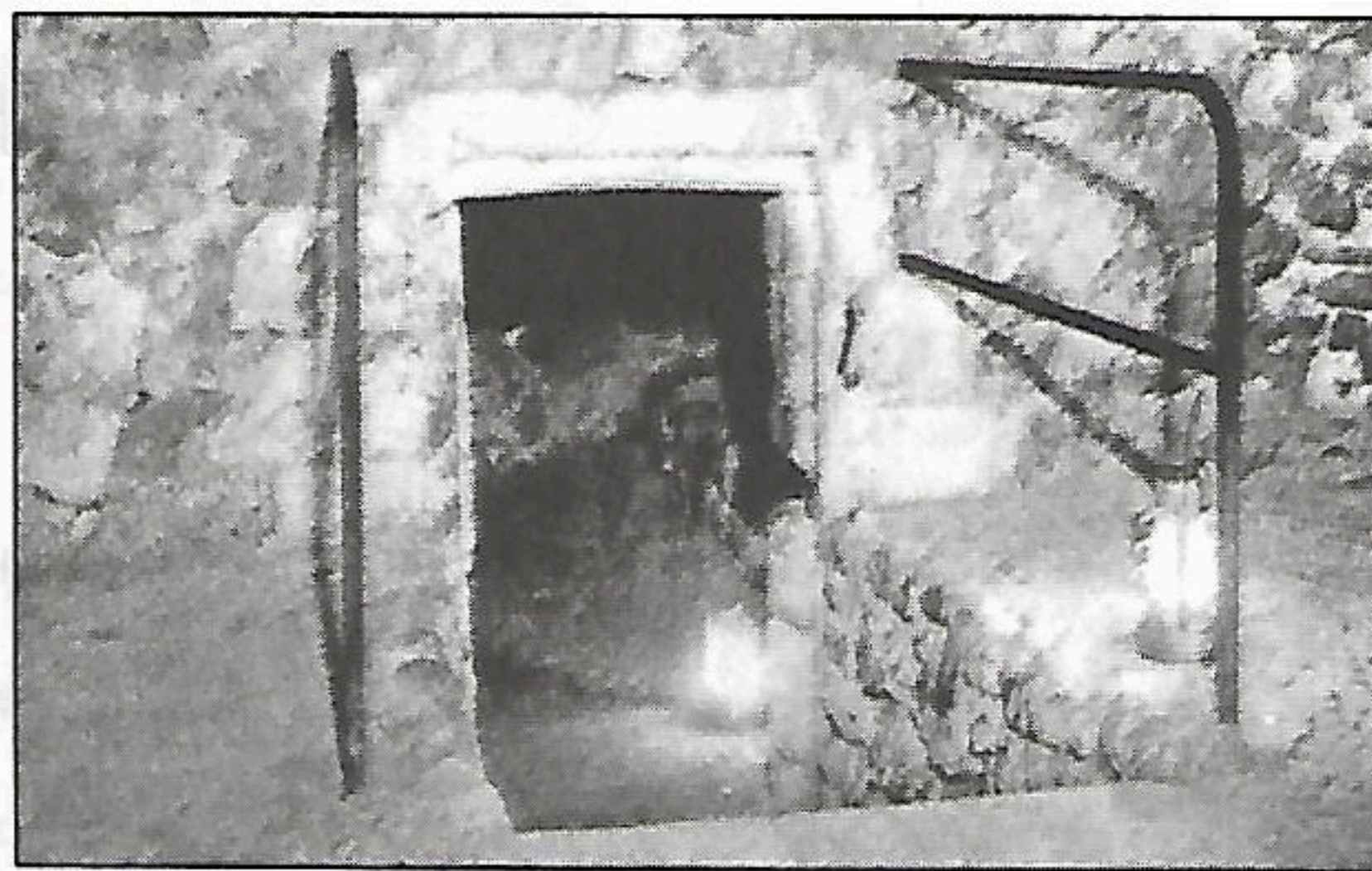
sonagens a quem havia previsto a morte (por estes crimes foi queimado vivo, em Aix-en-Provence, a 23 de Dezembro de 1588).

As outras celas recordam, se assim se pode dizer, outros nomes célebres tais como Gabriel Mirabeau (um assíduo das prisões do Estado, espadachim rebelde e grafómano); Luís Filipe de Orleães, isolado no Castelo de If antes de acabar na guilhotina; o Marquês de la Vallete, ministro infiel de Luís XVIII; os irmãos Serres, acusados de haverem hospedado o cavaleiro Glaudevés, e o príncipe Casimiro da Polónia, entre muitos outros.

Todavia, toda a história autêntica que se possa narrar, pouco interessa ao visitante que se desloca ao Castelo de If apenas atraído pelos personagens criados por Dumas e pela extraordinária descrição dos horrendos calabouços das caves, o de Abade Faria e o de Edmond Dantès.



O pátio interior do Castelo de If que dá acesso às prisões. Dumas descreveu em pormenor todos os recantos da fortaleza.



Em cima, a porta de entrada para o calabouço do Abade Faria. Em baixo, o mar visto através de uma cela.

Quanto ao primeiro personagem que, sem dúvida existiu, trata-se segundo o estudioso português Dr. Delgado, de um extraordinário eclesiástico, nascido em Goa, na Índia Portuguesa, e tornado famoso em Paris, pelos seus métodos de cura e divinização baseados no hipnotismo. Ao reconstituir a biografia do abade, o Dr. Delgado concluiu que o mesmo foi professor de filosofia em Marselha e em Nîmes, em 1811.

Da sua passagem pela prisão de If e de outras que a história lhe impugna não há, segundo o historiador Massimo Alberini qualquer testemunho.

A imaginação de Dumas utilizou a figura do abade fazendo-o secretário do Cardeal Spada, possuidor da planta do tesouro guardado na ilha de Monte Cristo, transformando-o numa espécie de Robinson Crusoe subterrâneo, capaz de converter fuligem e

um pouco de vinho em tinta de escrever, de mudar espinhas de peixe em canetas, de escrever uma obra enorme em duas camisas, além de elaborar mapas e preparar velas socorrendo-se de processos muito rudimentares.

Alguns dos capítulos mais emocionantes do romance são precisamente aqueles que relatam a preparação da fuga do abade, do encontro com o pobre Dantès, isolado e deprimido pelos seus imensos anos de cativeiro numa cela escura e isolada, e a sólida amizade entre os dois detidos.

É a partir dessa amizade que o abade transmite os seus conhecimentos a Dantès: filosofia, ciências, cinco idiomas, artes e boas maneiras. Por último, já moribundo, e porque o estima como se de um filho se tratasse, revela-lhe o segredo do tesouro enterrado pelos Spada, algures

numa gruta da ilha de Monte Cristo.

Após a morte do Abade, Dantès muda-o para a sua cela, enrola-se a si próprio na mortalha do amigo e quando os carcereiros iludidos atiram o corpo ao mar, que era segundo Dumas o cemitério do Castelo de If, Dantès, com o auxílio de uma faca, consegue libertar-se do peso que momentos antes lhe haviam amarrado aos pés e, a nado, obtém finalmente a sua fuga.

Ninguém põe em dúvida que Dantès é um personagem inventado pela fantasia de Alexandre Dumas. Apesar disso, duas celas do Castelo de If continuam unidas por um buraco escavado e os visitantes que ali acorrem há anos e anos em grande número procuram acreditar que estão perante uma realidade absoluta. Não contentes com esta situação em que participam, ainda ficam radiantes por testemunharem com os seus próprios olhos aquele lugar.

O aliciamento turístico não

tem limites. Aqui, a direcção do Castelo de If colabora de tal forma que mantém nos dois célebres "segredos" os banquinhos e as tarimbas do Abade Faria e de Edmond Dantès e, até, uma lanterna antiga ainda acesa... E quando o número e a importância dos visitantes o justifica, contrata dois figurantes que nos próprios locais descritos por Dumas "interpretam" a rigor os papéis dos famosos personagens...



Monte Cristo

“esteve” em Portugal!

Os espectadores vão reconhecer muitos dos locais onde decorrem cenas importantes de “O Conde de Monte Cristo” e não terão também dificuldade em identificar os artistas portugueses que aparecem ao longo da série na pele de diferentes personagens do romance de Alexandre Dumas. Um dos principais é Carlos Carvalho, já nosso conhecido de “Os Mães”, que interpreta o Franz d’Epinay.

“Encontrámos em Portugal cenários maravilhosos que serviam perfeitamente ao estilo do filme o qual deveria ter também interiores diferentes dos parisienses já muito conhecidos de outras produções” — disse o realizador Denys de la Patelliere quando esteve em Portugal (Março de 1979) a dirigir as filmagens desta co-produção em que interveio a própria Radiotevisão Portuguesa.

Com efeito, todas as cenas do carnaval romano foram rodadas em frente do Convento de Mafra; o teatro da ópera onde Monte Cristo é visto na companhia de uma linda da-

ma é o nosso bem conhecido São Carlos; Óbidos serve de cenário a algumas sequências interpretadas por Mercedes, a linda catalã noiva de Edmond Dantès; as grutas de Miradair passam pelo local onde Monte Cristo descobre o tesouro deixado pelo Abade Faria; e o Palácio de Queluz será residência do conde...

Outras cenas de interiores foram filmadas no Palácio Fronteira, em São Domingos de Benfica e no hotel Avenida Palace, nos Restauradores. E o porto de Peniche, “imita”, perfeitamente, o porto de Marselha, como terão a oportunidade de confirmar...



Abade Faria e Monte Cristo. Ilustração incluída na primeira edição da obra de Alexandre Dumas publicada em Portugal em 1852.

Quem foi o Abade Faria

Alexandre Dumas serviu-se do nome do Abade Faria para o fazer prisioneiro do Castelo de If, tornando-o, simultaneamente um velho sábio, um amigo, um professor, um filósofo que revela a Edmond Dantès a existência e o segredo dos tesouros da ilha de Monte Cristo.

Mas o Abade Faria, que ao que consta nunca esteve preso em If, existiu mesmo. Chamava-se José Custódio Faria, nasceu em 1756 na Índia e morreu em Paris, em 1819.

Descendente pelo lado paterno de um rico hindú brama-ne que nos fins do séc. XVI se convertera ao Cristianismo, veio aos 25 anos para Lisboa, donde volvidos alguns meses partiu para Roma graças à protecção do nuncio e do secretário do Estado da Índia.

Em 1780 após conclusão do Curso de Teologia, José Custódio Faria regressa a Lisboa. Os seus sermões são ouvidos com entusiasmo e grande interesse na capela real. Seu

pai, era então o confessor de D. Maria I, e, através da rainha, ia conseguindo grandes benefícios para a Índia. Em 1788 retiram-se ambos para França, talvez com receio de que se descobrisse a sua implicação, na conspiração de 1787, na Índia.

Em 1789 eclodia a grande revolução francesa e José Custódio de Faria foi um caloroso revolucionário, chegando mesmo a comandar uma das secções que marcharam



Filmagens no Teatro de São Carlos Convento de Mafra e Palácio de Queluz

MONUMENTOS PORTUGUESES "transportam" os espectadores à época em que decorre a acção de "O Conde de Monte Cristo". À esquerda, o interior do Teatro de São Carlos construído nos finais do século XVIII, um dos locais escolhidos para filmagens. Monte Cristo "está" no camarote real. Em cima, toda a alegria e colorido de um autêntico carnaval romano. Estas cenas foram reconstituídas em frente do Convento de Mafra, importante monumento mandado construir por D. João V em 1717. Na fotografia da direita, a sala do Baile do Palácio de Queluz com a presença de estranhos convidados. São personagens criados por Alexandre Dumas em "O Conde de Monte Cristo". Por instantes, um dos nossos mais belos palácios cujas salas estão decoradas por artistas franceses e italianos do séc. XVIII reviveu o seu antigo esplendor.

sobre a Convenção e que viria a ser metralhada por Bonaparte.

Restabelecida a vida em Paris, o Abade Faria foi leccionar nos liceus de Marselha e Nimes, mas passado algum tempo voltava a Paris onde veio a ficar célebre como magnetizador.

A curiosa personalidade do Abade Faria foi discutidíssima no seu tempo e hoje decorridos tantos anos ainda é apaixonante. O grande escritor francês, Chateaubriand apresenta-o num papel extravagante nas "Memoires d'outre Tombe".

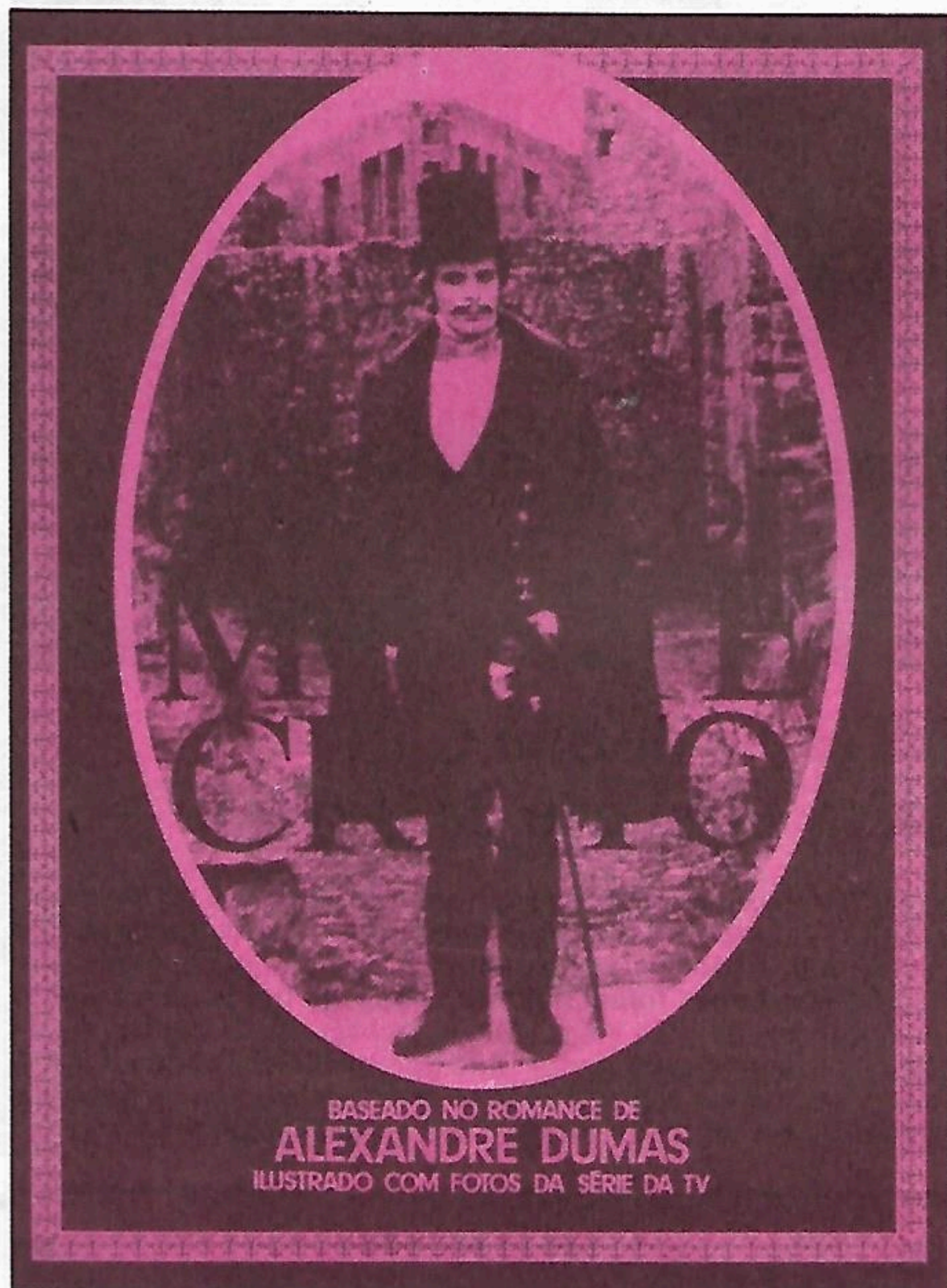
José Custódio de Faria, conferencista sobre temas de hipnose na rua de Clichy, em Paris, não podia deixar de estar ligado à história do hipno-

tismo. O seu valor manifestou-se na justa visão das causas da hipnose, deixando um livro em que expõe as doutrinas que o immortalizaram. A sua figura e a sua obra foram objecto de uma conferência que o prémio Nobel, professor Egas Moniz, fez em 1925 e que posteriormente foi publicada em livro.

Lisboa homenageou o Abade Faria dando o seu nome a uma rua (foto) nas imediações da Fonte Luminosa. Também em Marselha existem as ruas Edmond Dantés e Abade Faria.



Além da colecção de cromos tens ainda...



Um álbum

A sequência dos episódios da televisão serviu de base a um resumo que é apresentado em álbum de grandes dimensões (23 x 30,5 cms.) totalmente a cores. Este álbum, que já se encontra à venda, inclui mais de meia centena de imagens reproduzindo cenas dos próprios episódios da TV.

... E um livro

Uma outra versão dos guiões originais da série de TV, esta mais pormenorizada, é publicada em livro com um total de 160 páginas e ampla documentação fotográfica a cores e a preto e branco também extraída dos episódios. Esta obra é apresentada nas dimensões de 22,5 x 16,5 cms. e procura seguir, quase cena a cena, a sequência da TV reproduzindo, inclusivamente, os diálogos originais.

Verifica a tua colecção

Para saberes, em qualquer momento, quantos cromos te faltam vai riscando, nos números abaixo indicados, os que já tens.

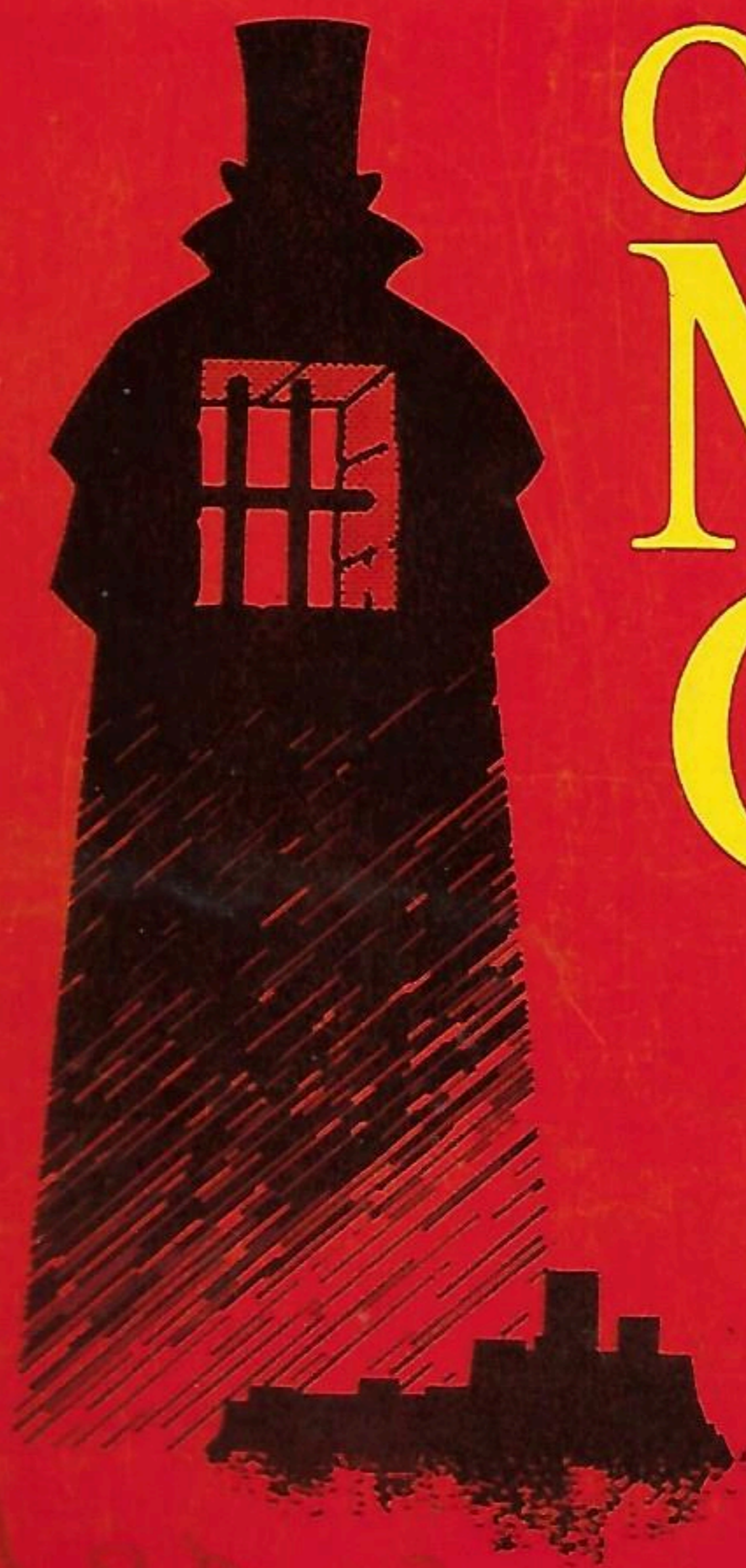
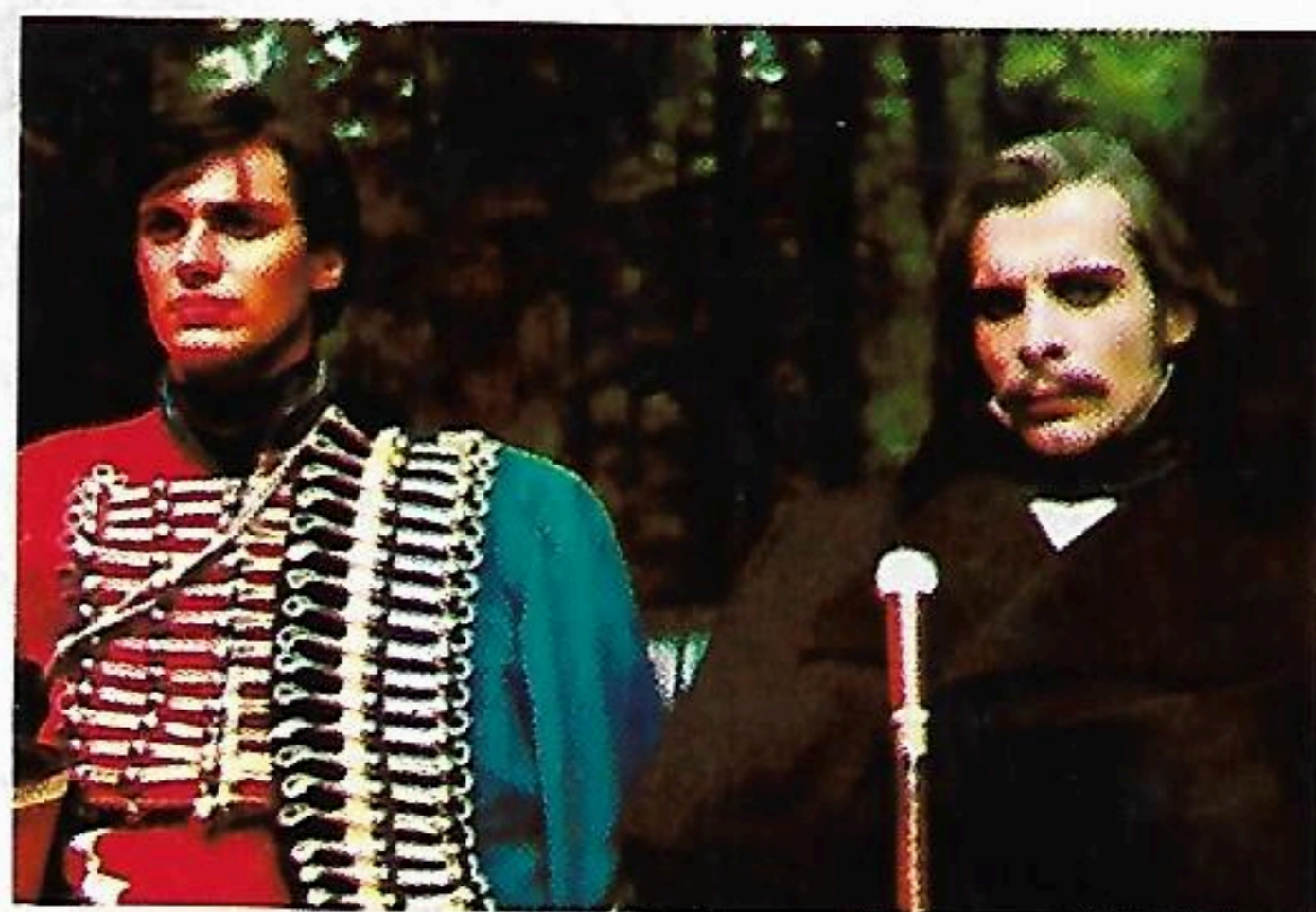
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70
71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90
91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
101	102	103	104	105	106	107	108	109	110
111	112	113	114	115	116	117	118	119	120
121	122	123	124	125	126	127	128	129	130
131	132	133	134	135	136	137			



O CONDE DE MONTE CRISTO □ Caderneta de 137 cromos com a adaptação livre dos guiões originais da série de televisão. □ Edição, Radiotevisão Portuguesa, 1980 □ Composição, Texto, telefone 536727 □ Impressão, Tipocromia Aguiar, Lda., Rua de Santo António à Estrela, 114-A □ Distribuição, Agência Portuguesa de Revistas, Rua Saraiva de Carvalho, 207 1399 Codex Lisboa.

PREÇO: 25\$00





O CONDE DE MONTE CRISTO

EDIÇÃO R.T.P.

Depois de mais de uma dezena de versões cinematográficas, o famoso herói de Alexandre Dumas revive, pela primeira vez, na televisão, através de uma série dirigida pelo realizador francês Denys de la Patellière e produzida por várias estações de TV europeias, entre elas a RTP. "O Conde de Monte Cristo" foi rodado, em grande parte, em Portugal e é também interpretado por artistas portugueses que deram boa réplica a alguns nomes consagrados do Cinema e da TV estrangeiros, designadamente franceses.

A presente edição inclui um resumo da história baseado nos guiões originais que deram origem à série de TV e foram utilizados para a sequência de 137 cromos, as próprias imagens dos vários episódios.

DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS
Rua Saraiva de Carvalho, 207 — LISBOA

PREÇO: 25\$00